

AUTORES & LIVROS

Ano V SUPLEMENTO LITERARIO DE "A MANHA"
4/3/945 publicado semanalmente, sob a direção de Vol. VIII
Márcio Leão (Da Academia Brasileira de Letras) Núm. 5

Noticia sobre Heraclito Graça

Heraclito de Alencastro Pereira da Graça nasceu em Icó, Ceará, em 18 de Outubro de 1836. Era filho do Conselheiro José Pereira da Graça, Barão de Acaí, que àquele tempo era desembargador na capital do Maranhão, e que depois foi ministro do Supremo Tribunal de Justiça.

Em 1856, terminou com muito brilho, o seu curso de Direito na Faculdade de Recife.

Regressou ao Maranhão, indo viver em companhia dos pais. Obteve então, sua nomeação para promotor de São Luiz, mas apenas permaneceu no cargo um quadriénio. Fim desse período, pediu demissão, consagrando-se à advocacia e política.

Faz parte do Partido Conservador. Tendo como companheiros Gómes de Castro, Vieira da Silva e outros, fundou a "Situação", jornal em que defendeu as idéias do partido. Simultaneamente trabalhava em um periódico literário e ilustrado que também tinha a colaboração de Gentil Braga, Joaquim Serra, Trajano Galvão e outros. A produção de Heraclito Graça, a esse tempo, era de prosa e verso, e nelas notavam-se os seus grandes conhecimentos de filologia.

Maranhense adotivo, dali o Maranhão representava na Câmara da província em duas legislaturas. Heraclito Graça mostrou-se ali um orador perfeito, um parlamentar de primeira ordem.

Em 1868 veio para a Câmara Geral, sendo eleito nas duas legis-

laturas seguintes. Os quem era grande amigo "Anais" do Congresso go. nesse tempo estão repletos de excelentes discursos seus.

Registre-se a atuação que ele teve nos debates da reforma judicial (1871) do recrutamento eleitoral (1875), da lei do Ventre Livre. Nesse último debate a sua palavra revestiu-se de uma extrema importância.

Deixou, porém, o Parlamento, e entrou para a Academia Brasileira de Letras, merecendo presidir a província da Paraíba; tendo tomado posse depois presidiu a do Rio de Janeiro, em 16 de Abril de 1905, na vaga de Pedro Rabelo, foi eleito para a Academia

Brasileira de Letras, tendo tomado posse naquela mesma província da Paraíba, por carta.

Em 1877, voltou a 1914, em casa de seu morador no Rio de Janeiro, Dr. Álvaro Graça, indo a princípio adorável em companhia do de Saúde da 9.ª Zona, de José de Alencar, de na desta cidade.

ADVERTENCIA

(de "Fatos da Linguagem")

HERACLITO GRAÇA

Reunem-se aqui em livros recém da primeira vez, com o título "Fatos da procededos da carta que Linguagem os artigos que os acompanharam, endereçados intercaladamente cada ao Exmo. Sr. Dr. te no "Correio da Manhã", de 26 de Fevereiro (Gil Vidal), redator daquele dia a 16 de Novembro de diário.

1903, sob a epígrafe "E, no decurso da revisão, impressão, apenas podia O autor fôr o maior ria o Autor reafiar er- desenho de ab- ros, reparar desenho e gos tópicos requeria es- suprir palavras e frases se trabalho, modesto e que escaparam na publica- cional, para conver- cão primitiva, ampliar ter-se agora na grave e exemplos e intercalar duradoura forma que to- nun ou outra nota necessaria à elucidacão do tex- to. que o Autor nunca forcei ainda rogas nu- mero de instante.

Tarefa tão árdua pen- dia de disposição e tem- po: e tempo e disposição para isso faltaram abs- solutamente ao Autor.

Assim, o livro repro- duz os artigos, como apa-



Heraclito Graça, por A. Panhero.

SUMARIO

PAGINA 65

- Notícia sobre Heraclito — Antologia da Literatura Graça.
- Advertência (de "Fatos da Linguagem"). — Segunda série — Antologia da prosa — XX — José Maria Belo

PAGINA 66:

- Síntese de prólogo (ao "Fatos da Linguagem"). — Bibliografia de José Maria Belo.
- Alguns fontes sobre José Maria Belo.
- Alcibiades, de José Maria Belo.
- Floriano Peixoto (Retrato) de José Maria Belo.

PAGINA 67:

- Heraclito Graça, como crítico — O Direito das Obrigações, de Clóvis Beviláqua.
- Joaquim Nabuco, de José Maria Belo.
- Pedro II, de José Maria Belo.
- Mário de Andrade.

PAGINA 68:

- A miúdo, de Heraclito Graça.
- Um palácio das Artes, de Raul de Sá Víctor.

PAGINA 69:

- Baila, de Heraclito Graça.
- Os "Fatos da Linguagem", de Antônio Sales.

PAGINAS 70 e 71:

- Retrato de Heraclito Graça, de Antônio Augusto.
- Quatro poemas de Maria das Dores Pereira da Silva:
- Impossível
- Espera inútil
- Canção
- Pássaros sem mola.
- Dois poemas de Menotti del Picchia:
- Sobre o túmulo do último homem.
- Mistério da Encarnação.

PAGINA 72:

- De resto, Heraclito Graça.
- Entre eu e ele — entre ele e mim, de Heraclito Graça.
- Registrando a data da morte de Rui Barbosa.
- Credo, de Rui Barbosa.
- A vida dos Livros.

SIRVA DE PROLOGO VOCAÇÃO DE HEDERA-CLITO GRAÇA - Mario de Alencar

"Men caro "Gil Vidal" de solvélas, e evitar erros grosseiros. Vale muita reiterada, envio-lhe as primeiras tiras do seu trabalho, já concluído, a que por simples estudo e brasileiro sabem mal a linguagem riquíssima e harmoniosa que lhes tocou em sorte, e, desdenhando-a, leem e aprendam por livros franceses em toda a carreira da vida. Creio que do meu trabalho, que V. porfia em público, resultará principalmente um fato: ver-se que é tão vasto e vasto o material dos nossos clássicos, que até um literato e filólogo do tóno do Sr. Cândido de Figueiredo, volumes que, por motivos daqueles artigos, e quando o autor passou no mesmo jornal a ocupar-se dilatadamente de nossa inextinguível ortografia e de estrangeirismos, procurei ler e efetivamente li, admirando a profusão, brevidade e leveza dos capítulos, e perfillando a doutrina dêles em quase tudo.

E V., um exemplar na arte de escrever. Em breve trecho revelou-se exímio escritor e perfeito jornalista político, diariamente com pleno conhecimento e propriedade tratando o assunto que o preocupa e expressando-o em linguagem elevada e perspicua, com precisão, concisão, vigor e simplicidade maravilhosa, coisas que raramente enlham juntas.

Assim, muito me edifica dizendo e supondo V., que da publicação de meus pobres reparos a alguns pontos filológicos e vernáculos do Sr. Cândido de Figueiredo virá proveito a quem em muitas aperturas procura o fio do labirinto da ciência da linguagem portuguesa, lamentando que ainda não tenha esta a fidelidade de outras línguas, da francesa, por exemplo.

Em todas, as línguas e na sua constante evolução, há e há-de haver divergências e incertezas. Na francesa, se a parte ortográfica logrou uniformizar-se, o mesmo não sucede com a construção. Unicamente os que não conhecem gramaticalmente, serão estranhas as inúmeras dificuldades que os mestres registram, ensinando os meios mais seguros e adequados

Abracço seu velho amigo afetuoso — HE. RACLITO GRAÇA.
24 de Fevereiro de 1903.

Nós devemos ser o que somos, embora barbatus. Barbares pela essência ou pelo transvio da concepção, ou por infantilios ou por artificios, quasi todos os temos são no Brasil. E aqui mesmo na Academia poucos não o são. Pandal Mallet, patrono da vossa cadeira, foi um barbudo forte que se galava de o ser; e tinha talento para aliviar os descontentes. Pedro Rabelo, que primeiro o ocupou, também foi barbudo, mas por fraquezza despediu o talento, despersonalizando-o em estilo para que não tivesse compleição. O vose antecessor foi um barbudo porque fechou os olhos à contemplação da beleza.

Lembrastes-nos agora, numa apreciação comovida e justa, o valor moral de Heráclito Graça, a honestidade da sua inteligência, a profundidade dos seus estudos linguísticos e a espasmada paixão dos seus trabalhos lexicográficos. Dissesteis-nos também o que ignoravamos, que ele na mocidade foi ou quis ser um poeta. Sobre o poeta, o jornalista, o político, o jurista, prevaleceu o operário iniciando dois textos da nossa língua aplicado em labor, assim, por muitos anos consecutivos de obscuridade, que só se interrompeu eventualmente, como nos contrastes, pelo convite de colaboração no Correio da Manhã. O mesmo teor do seu trabalho em anotações acrescidas, glossas, escritos profusamente em letra minúscula sobre o texto de Irenes, revelam a ausência da ideia utilitária: o nosso contrade eu-gatava menos um alcance romântico, ou lucro mercantil com o seu esforço, que em obtercer a sua necessidade de esforço, procurando instintivamente o seu máximo prazer. Creio que ele foi essencialmente um gramático, não um filólogo, mas um logófilo, segundo a distinção que fazia o grego Zenon. E verdade que, ao contrário da regra geral dos gramáticos, escrevia bem, não era intratável, nem rabugento, e tinha o animo disposto ao riso e à amabilidade. Era, sim, intransigente como todo o espírito de credibilidade ingénua, que firma o seu culto em religião revelada. Para Heráclito Graça, a nossa língua tornara essa religião, os autores primitivos, como os go a todas as formas clássicas livros sagrados, de onde recolhera uma longa tradição de dogmas intangíveis. O espírito religioso não admite progresso, nem a evolução; as primeiras criações são as perfeitas; só o pecado pode mudá-las, e o pecado é malhado, porque traz a degenerescência.

O nosso confrade teve assim as virtudes, os excessos e as falhas de sectário; ninguém sua inimicosa erudição. A talvez, soube mais a língua portuguesa; mas ele temos que votava aos clássicos da mente evitava convergir-se língua, e com o qual editadas conclusões da ciência linguística. Por isso, em parte, her imenso e útil, que a nos- for um homem representati-

vo da nossa língua. O Brasil vivo, deve diligenciar em obter e publicar por todo de si mesma e da memória do seu notável conosco. Vi que falecido por ele e que o seu culto do antigo viveu e gerado em fantasma, obscurecendo-lhe os olhos para a visão da beleza. A linguagem não lhe dava mais a sensação de um organismo vivo; porque ela já tinha anatomiado, disseccado, classificado e encamulado como um museu de história natural.

Certo, ele poderia responder-me que para os actos ditos fora aquela a expressão da beleza, e que nesse trabalho achara, o que mais importa na vida, a razão de esquecer a vida. E eu não teria que replicar-lhe, pois esse é o critério absoluto da felicidade. E foi assim que ele, entre tantas adversidades, que só lhe pôde ser feliz com o seu amor religioso da língua sua, na companhia dos seus velhos livros sagrados.

Uma das lembranças mais vivazes que conservo dele está ligada à de Euclides da Cunha, num encontro nessa outra sola, há cerca de cinco anos. Visitava-nos, pela segunda vez, em despedida, Anatole France. Em torno do grande escrivor francês agitavam-se alguns académicos viajados e desembarcados. José Verissimo, Rodrigo Otávio, Sousa Bandeira, Felito de Almeida, Medeiros e Albuquerque. Três ficamos arredos: eu, que simulava um trabalho urgente com que justificava o meu afastamento, e Euclides da Cunha e Heráclito Graça, que passavam num dos extremos da sala, falando alto, vindo, como se estivessem só os amigos a todos em roda. Eu olhava surpreso, e, ao sur, em compa-
nhia de Euclides, dis-
se-lhe o meu vexame e o meu
da opinião que levava Ana-
tole France de nós três, se h-
semos arredos. Euclides,
também ele um grande bába-
ro mosso, timidão como um te-
bareu e orgulhoso como um
herói espanhol, respondeu
me que, ao contrário do meu
recente, Anatole France trou-
tava dele e de Heráclito Graça
uma ótima ideia. Não repe-
tia eu naquelas passadas pe-
lo chão, naquela conversa
em tom de escala, napole-
nistas sonoras? Tudo isso de
propósito: era uma ambi-
ção de unilateral, e Anatole
France com certeza teria sei-
ndo que eles eram dois ho-
mens superiores.

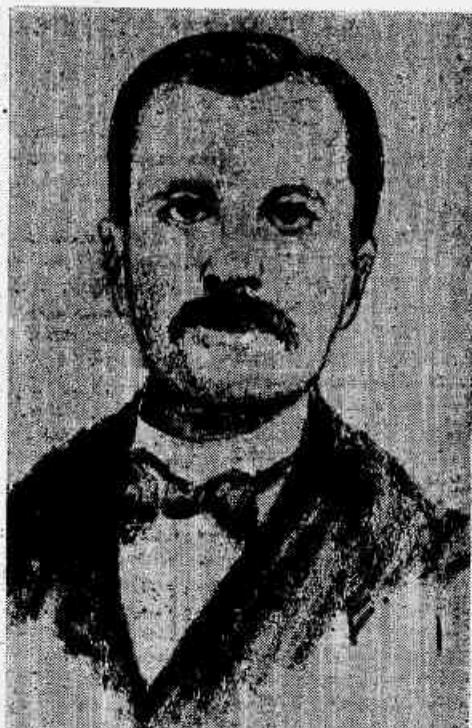
Sorri da ingenuidade de bom Euclides: era a arrogância tardia do seu acanhamento e despeito; mas podia que ele por ventura mentisse. O escritor francês, impulsionado de todos os aspectos de civilização, ironista comunista de todos os laços humanos, num sentido surpreendente ante aquele monumento de sá-
ros intelectuais; e é possivel sa Academia satisfazendo o pírito zombeteiro s... velho

Heraclito Graça como Crítico - O "Direito das Obrigações" de Clovis Beviláqua

66. — "Direito das Obrigações", de Clovis Beviláqua, lecionante catedrático de legislação comparada sobre o direito privado na Faculdade de Direito do Recife, I v., 8e gr., 478 pag., Bahia, José Luís da Fonseca Magalhães, editor, 1896.

Aos autores mais conspicuas da literatura jurídica brasileira veio reunir-se o Sr. Dr. Clovis Beviláqua, publicando o "Direito das Obrigações", rico fruto de intensos estudos, que afirmava uma individualidade poderosa e ativa. Embora, com louvável modestia que sobrepuja a verdade, diga no prólogo o professor lecente da Faculdade de Direito do Recife não foi seu intuito esquadrinhar com arguta análise todos os recantos do curioso departamento do direito privado, conhecido pela denominação de "Direito das Obrigações", ou fazer descobrimentos em regiões a mente tributadas pelos maiores mestres da jurisprudência, certo é que, pondo de lado o referente ao direito de família, das coisas e das sucessões, objeto de trabalhos especiais, tratou o autor, no "Direito das Obrigações", o principal que ao assunto cabe.

Divide-se a obra em duas partes: teoria das obrigações; causas geradoras das obrigações. Na primeira versão o segniente: o conceito filosófico, romano e moderno das obrigações, sua natureza, seu sentido jurídico, lato e estrito, sua definição, objeto e causas; os direitos obrigacionais, as respectivas afinidades e diferenças com os outros ramos de direito, com a moral, economia política e psicologia; a evolução e teoria dos direitos obrigacionais; as formas contratuais; a transição da obrigação coletiva para a individual; a classificação e descrição das obrigações e seus efeitos no direito civil, comercial e internacional, privado; e finalmente como elas se extinguem e quais as consequências de sua inexecução. Na segunda parte — causas geradoras das obrigações — o A. investiga: 1. a teoria geral das obrigações, descendo até à noção e função dos contratos; a diferença entre elas e os atos jurídicos, os requisitos que as formam, validam e tornam executáveis; os vícios que extinguem, provocam a inexecução ou as anulam; a forma provisória dos contratos, sua classificação, interpretação e casos de aplicação a leis estrangeiras.



Heraclito Graça, por Eudá

2. a promessa unilateral, como uma das causas geradoras dos contratos, expõe e justifica a teoria respectiva com a estipulação em favor de terceiros, com os títulos à ordem e ao portador e a promessa de reconhecimento; 3º os laços ilícitos e quaisquer contratos e outras fontes de obrigações; 4º os contratos em particular, descrevendo-os a tamanhos largos, mas com proficiência, tais como adociono, o empréstimo, o depósito, o mandado, a gestão de negócios, a compra e venda, a locação, a locação com arrendamento, a cotação, o seguro, a constituição de renda, o jogo e a aposta, e finalmente a fiança.

Destes fundamentos resulta a vastidão e importância da obra: para aferir-lhe o exato merecimento, convém-lhe, Terá entretanto, avançado a idéia de que este quanto é útil e atual, quem souber que, filiando-se à sua doutrina dos mestres, estendendo-as novas relações e formas jurídicas criadas pelas necessidades e influjo da civilização, e usando dos processos da crítica moderna. Assim presteu-se à História, ao direito romano, ao pálio e ao estrangeiro, à ligação dos tribunais, à jurisprudência dos tribunais, à evolução da ciência, quase todo percurso: analisa e elenca, escolha, sistematiza, teorias, classificações, opiniões, leis, usos, e autores; no ponto das controvérsias, raro é não incluir-se as soluções mais consonantes aos princípios, à razão e à equidade, circunstâncias que acreditava ser tino jurídico, bem como ali resumir o largo e profundo estudo a que se chegou. Assim, constitui o "Direito das Obrigações", um livro precioso de consulta e ensinamento, e na espécie faz jus a ser considerado obra singular na literatura portuguesa.

Porventura não ficou algumas vezes distribuída a matéria como se exigia a filiação lógica das idéias: afliuem repetições; notam-se aqui e ali negligências, equivocos, lacunas. São leves defici-

cias, pela salinidade do locutor, exceto se ficar em risco o direito do locador.

Censurando, com razão de sobra, a dureza da ordenação que permite despejar durante o arrendamento ou inquilino, se precisar da casa o locador para sua morada ou de seus filhos e irmãos, acrescenta o A. que, "neste caso", requerendo de rigor, a lei denega, ao inquilino e pagamente devida, ao inquilino a oposição suspensiva, o despejo, até a liquidação e pagamento dolor das benfeitorias autorizadas pelo senhorio. Não é porém, só "neste" caso que a lei tira o despejo do inquilino o efeito suspensivo: é em todos os "quatro casos" da Ord. I, 4, 1, 24, conforme se acha sumariado na referida Consolidação, art. 670, e expressamente disposto na final do Aviso de 23 de julho de 1811.

A solidariedade das signatários das letras de câmbio não é efetiva somente quando nelas há mais de um sacador ou endossador, como sustenta o A. apoiando-se, aliás, no art. 422 do Código do Comércio, que establece expressamente doutrina diversa nestes termos: "todos os que sacam ou dão ordem para o saque, endossam ou aceitam letras de câmbio ou assinam como abonadores, ainda que nascem com comerciantes, são solidariamente garantes das mesmas letras e obrigados ao seu pagamento". Nas letras de câmbio ordinariamente há um sacador, pessoa singular ou coletiva; pode haver endossador, se o portador, ou a pessoa a favor de quem foi sacada a letra, não a endossou. Isto obstante, apresentando-se o portador a cobrá-la, depois de práticas as formalidades legais, são solidariamente obrigados ao pagamento, tanto o sacador como o aceitante ou sacado, por força do artigo 422 do Código Commercial e da nunca jamais interrompida jurisprudência dos tribunais.

Nas letras da terra, em tudo iguais às letras de câmbio, com a única diferença de serem passadas e aceitas na mesma província (hoje estado), o (Co. Com., art. 133, a capacidade de contratar. Mas, no lugar indicado, o Código se limita a permitir a profissão de comerciante ao filho famílias, maior de dezoito anos, para isso autorizado pelo pai, por meio de escritura pública. Daqui se vê que o Código não reputa incapaz de contratar o filho famílias maior de dezoito anos; apenas o fere com a incapacidade peculiar de comerciar, salvo autorização paterna.

Como uma das causas da extinção da locação enumera o A. a falência do locador ou do locatário, apoiando-se em Teixeira de Freitas, Consolidações das leis civis, art. 653, nota 3º. Entretanto o exemplo jurisconsulto não lhe sufragaria a opinião, ao contrário: depois de lembrar que nadia mais falso do que o provérbio — "morte e casamento desfaz arrendamento", em face do Ord. I, 4, 1, 45, § 3, que impõe a herdeiros a obrigação de cumprir os contratos daqueles a quem sucedem, conclui que, por identidade de razão, também não se resolve o arrendamento, pela falência do locador ou pela falência do locatário, salvo se a locação for feita com prelégio de ceder ou sublocar. E Zaclariae, Troplong, Duvergier e outros jurisconsultos, bem como a jurisprudência, firmaram o princípio da não rescisão da loca-

tocante responsabilidade do mandatário para com o comitente pelos terceiros com quem por conta dele comitente contratou, não dispensou, o A. senão breves palavras, citando para corroborá-las Códigos estrangeiros e esquecendo o nosso Código Commercial, que se ocupa do assunto nos artigos 175 e 179. Desertando o A. sobre a fiança, não lhe adicionou as cartas de crédito e abono que aquele Código, no art. 261, previu e regulou.

Também, nem uma palavra escreveu sobre o "reporte", figura de direito nova, conhecida e praticada entre nós e de que se ocupam já os Códigos Comerciais modernos, como o italiano, e o português. Mas, a omissão mais lamentável do A. se ne propõe o seu absoluto silêncio sobre as obrigações do portador de debentes" das sociedades anônimas e sobre as apostas do Estado ao portador. Savigny no "Tratado das Obrigações", inclui-as, assim como os bilhetes hipotecários da Prússia, nos títulos ao portador, e as apreciou em sua natureza, variações e efeitos. Quisera ver matéria tão grave tratada pelo menos do A. do mesmo modo por que discretamente se desempenhou do contrato da edição, sobre que aliás não há lá nossa, como há sobre as obrigações do portador das sociedades anônimas. Lei de 4 de novembro de 1892, art. 32, Deo(s) 24 de janeiro de 1890, art. 32 e Decreto de 15 de novembro de 1893. São tais títulos de tanta circulação entre nós e já têm suscitado tantas questões; revestindo-a a lei de tantas garantias e fornecendo recursos tão felizes ao desenvolvimento das sociedades anônimas de capital limitado ou cujos acionistas não querem ou não podem cumprir ou completar o pagamento das entradas, que é estranho havê-los esquecido o A.

Não me acudem outras observações que se prendem à sustentação do trabalho do Dr. Clovis Beviláqua, nem me permitem maior desenvolvimento as extreitas proporções da seção bibliográfica da Revista e a simples leitura, se bem que assim deitada, que fiz da obra. Discutir teoria, escolas, sistemas, divergir em alistações, destinar definições e acarrear apêndices científicos, é tarefa avessa ao meu temperamento e oposta ao meu espírito, que mais se apropria e afirma do que é certo, positivo, prático, aceito pelos mestres e sancionado pela ancestralidade dos tempos. Agrado-me a obra: com o pouco que sinceramente me saiu da pena em ligeiras observações, rendo a homenagem devidos talentos não comum ao Dr. Clovis Beviláqua e fervoroso aplauso e importante e útil trabalho que em boa hora deu à luz.

Todavia, com a franqueza que me é habitual, momentaneamente dirijo-me a pessoas de verdadeira valia, consinta o ilustrado Dr. Clovis Beviláqua dizer-lhe que o seu notável trabalho serviu de modelo de muito maior valor se subordinado à matéria e expandidas suas divagações especulativas, outro fosse o seu estilo, outra a sua linguagem. "O Direito das Obrigações" é uma produção científica que o A. no prólogo declara dirigir principalmente aos "catecumenos" do direito. Mais obrigatoria para o A. cumprir seu linguagem clara, precisa, concisa, co-

Obrigação da pág. anterior e de respeito ante o desconhecido.

Foi ocasião de imagens, assim se combinavam as do barbudo e as do céptico; para fincadas, as imagens foram pretexto de formosas e alarmantes frases; para Anatole France foram, e talvez já não sejam, as formas da sua negação sistemática.

A nossa Academia também é um templo e refúgio das imagens da vida: longe das dissensões e dos disturbios, sobre o célebre curso das novas existências precárias, não tranquilamente, ingenuamente, tecemos a imagem da vida, perpetuidade.

Uci e ajudai-nos, sr. Antônio Austrégésilo.

"Obrigações", por Clovis

BAILA

Heráclito Graça

"Tem a palavra um jornal da noite: — Trazendo à baila o caso da outra metade... Trazendo à baila. Isso é o que por aí tahil se diz às vezes, mas não é, creio eu, o que se deve dizer, e ainda menos o que se deverá escrever.

A bailha, trazendo à bailha, é que é (*Ligões práticos*, 2.ª edição, pág. 71).

Em nota, referindo um exemplo de Castilho e outro de M. Afonso de Miranda, acrescenta o sr. Cândido de Figueiredo que **bailha** não vem do arcaismo **bailhar**, hoje **bailar**, e por isso **bailha** não pode substituir a velha **bailha**, nem esta confundir-se com o **bailha** que em vez de **baila** é ainda usado pelo povo de algumas províncias; dai concluir que trazer à **bailha** nada tem com o verbo **bailhar** ou **bailar**, são coisas distintas as duas expressões, e que muitas dão os verbos **bailar**, **bailhar** e **naturalmente bailha** veio e **bailar** a acepção de dançar. Ora, de tais verbos vêm os substantivos **baila**, **bailar**, **bailha** e **bailha**, e assim tinham todos eles, por enumeração, menção de coisas várias pela analogia com a enumeração que nos títulos causa da origem, significa de arrendamento se faz: das cidades idêntica, lembrando os verbos.

Este forjado etimologia de **bailha**, com as incircunstâncias de sua justificação, beneficiou o sr. Cândido de Figueiredo no velho *Moraes*, quem entretanto não cita. Há mais uma agravante: *Moraes*, na 3.ª edição do dicionário, depois de relacionar a locução **vir à bailha**, no sentido de ser mencionado, pergunta entre parênteses: **vir à** francês **bail**, traduzida a palavra em razão da enumeração, que nas contas de arrendamento se faz das coisas arrendadas? — O sr. Cândido de Figueiredo, sem advertir no disparate da origem, assevera que muito naturalmente (!) **bailha** procede do francês **bail**, arrendamento.

Releva-se a pergunta a *Moraes*, que era fracoíssimo em etimologia e escrevia ao tempo em que esta não havia passado pelos processos científicos que a aperfeiçoaram no decurso do século 19. As tr. Cândido de Figueiredo bastavam os fatos da língua para repelir essa hipótese absurdamente responder negativamente à pergunta.

Bailha, **bailha**, **baila**, **baille** e **bailha** eram sinônimos, significando baile, festa, dança, acompanhada de canto. **Bailha** não se afastou de seus sinônimos, não tinha origem diversa da deles, nem significava, como afirmou sem fundamento o sr. Cândido de Figueiredo, sómente enumeração: para destruir este costume ótico, é suficiente ler o quinhentista Antônio Prestes, no *Auto da Ave Maria*, p. 56:

...Entre em **bailha**; Acodi vós com o **tonger**"

O próprio *Moraes* é contraditório, dando à **bailha** etimologia e significação diversa dos referidos sinônimos. No v. **bailha**, diz: vir à **bailha**, vid., **Bailha**. No v. **bailha**, remete o leitor ao v. **Bailha**. Só **bailha** e **bailha** definem: funções.

OS FATOS DA LINGUAGEM - ANTONIO SALES

Acabo de relevar várias páginas do "Fatos da Linguagem", obra de admirável saber clássico, de lógica segura e de probidade literária.

E agradeço agora re-

memorar a saudosa fi-

lamentosa, que foi tam-

bém visto de realce na

Catedral, onde habita-

va sua velha casa da la-

deirinha e tranquila rua

de Santa Cristina, no so-

breiro de santidadade pa-

raente os setários mais

ferrenhos do vernalismo.

Admirava igualmen-

te Vieira, Bernardes, Cas-

tilho e Herculano; mas

sem o calor com que ja-

viva.

Impregnado de leitu-

ras modernas, vivido

na linguagem descuidada

da imprensa diária, em

política do antigo regime.

Morei alguns anos no

a necessidade de sua pa-

memoso bairro em que teatra como a da um an-

elé tinha a sua residência, tidoto no ofício.

Não que Heráclito

Graça fosse um purista,

intolerante, indigesto

de classicismo. Ao con-

trário disso, era um es-

pirito liberal, entusiasta

e cheio de simpatia pelas

mentalidades novas, suas

esperanças e suas obras.

A prova é que entre os

modernos escritores por-

tugueses mais vizinhos

do estilo clássico, sua

predileção era por Gar-

rett, que não anda em

sa, fôrta completamente devorada por um incêndio ocorrido anos antes em sua residência, desastre de que não se consolou jamais.

Tinhamos também uma vez por outra a companhia de José Albano Filho, o Alvaninho, como lhe chamava carinhosamente o dono da casa, que lhe votava grande estima e admiração.

A paixão ardente e exclusivismo de José Albano pelos velhos mestres da língua ligara o moço ao nascimento por um afeto profundo, e era curioso observar que o segundo era muito mais tolerante que o primeiro.

Às vezes José Albano lia versos seus ao mestre, e os deixava em seu poder, sob a guarda da filha deste, a gentil e inteligente Sinhá, sua serva-

(Continua na pág. 70)

HERACLITO GRAÇA

FACTOS DA LINGUAGEM

ESBOÇO CRÍTICO

ALGUNS ASSERTOS

SERIE: GRAMATICA DE TOMEIREDO



RETRATO DE HERACLITO

Foi no exercício da minha profissão que conheci Heráclito Graça. Juntado ao leito, suportando dores cruentos, o caro filólogo auster, com a fisionomia austera, sofrida, mas denunciando senescênciam vigorosa, deu-me a impressão de um estóico que sofria por honra da sua alma. O primeiro contacto com este grande estudioso despertou-me piedade e admiração piedade, porque o via condutor de doença incurável e eu não lhe poderia remover os padeceres; admirava, porque, sabedor da profundezas de seus conhecimentos literários, *maxime* vernáculos, surpreendi de perto o que a voz dos eruditos anunciar, apesar do expresso véu de modéstia que envolvia sempre tão original personalidade.

Heráclito Graça falou-me de seus males minuciosamente, interpretando-os, justificando-os, cobrindo-os, amude com o otimismo salutaz de quem quer longamente viver, mas revelando sempre, na dor, o espírito arguto e amante da minúcia. E quando algum fato lhe escapava no historiões da doença, surcorrava-se a similitude da espônia solteira e da filha amamentada, que, juntas, entre animações extorquidas e tristezas unidas, iam auxiliando a carapina da dolorosa enfermidade.

Ele esperava que a medina ou o azedo o tirasse do perigo — *cassis medicinae certior ex precipiti*, — no dizer de Horácio. Depois do lecer médico, feitos imediatamente, com o fim de desfazê-lo, ele pelo automatismo do saber, fomos impelidos para a literatura.

Sabia-o educado no Maranhão e por isso falavam da vida intelectual da Atenas brasileira.

Pasmou de ver memória tão fresca: versos de Gonçalves Dia, trechos de Lisboa, incidentes de vida literária do seu tempo, foram alegramente narrados.

A palestra não lhe foi nociva, pois os sofrimentos como que se amainaram.

O fulgor do seu espírito irradiado da fisionomia onde a dor deixara fundos sulcos, a cabeça pálida, enagrecida, de olhos em que outrora houvera magnetismo, trouxeram-me a evocação de um filólogo antigo que surgira como o símbolo do saber e da resignação.

Para o não fatigar muito, retirei-me, voltando alguns dias depois. Falou-me pouco dos males, das prescrições feitas, e do quase nulo resultado delas; e no decorrer da palestra que se desenvolveu, sempre se foi revelando, apesar da doença prolongada, o profundo filológico e classicista acatado.

Infelizmente foi a última

vez que vi Heráclito Graça. Soube então que a doença se engraveceu e dois ou três meses após deixara o vazio impreenchedível nesta Academia e nas letras pátrias.

Os seus últimos dias foram tristíssimos!

Poucos a coneleiam bem; cultivara raros amigos e dentre eles o Barão do Rio Branco, de quem me falou com especial veneração, simejando com a amizade que lhe havia votado o grande Brasileiro.

Heráclito Graça foi um beneditino nos estudos vernáculos. Para demonstrar o seu amor paciente aos livros, basta lembrar que leu todo o *Elucidário de Viterbo*, palavras por palavra, e no lado de cada vocábulo deixou escritos, em letra miúda, só visível não raro, com uma lente, termos, frases, comentários, documentações do seu rico saber. *In fine* escreveu a seguinte nota explicativa: "O *Elucidário* contém 6.143 vocábulos; foram acrescidos 7.457, perfazendo o total de 13.600", isto é, mais do dobro do texto original.

A sua leitura psicológica era a do analista e de consciente. Iacerda, considerava por ele um dos melhores dicionários da língua portuguesa, subiu a mesma mûndia de erros e o replano de militares de vocábulo. Os erremos nascem desde a introdução gramatical e vão atravessando as palavras, causando, como era dito que se expunha pela virgem, tumulto o volume interno em todas as direções: as palavras impressas, nas margens, em cima, em baixo; onde há uma entrelaçada se depara uma nota, de modo a nos dar, à primeira vista, a impressão de danos causados por mãos de coleção ou de um grafomano, como não raro encontramos nos frenêmiós. Mas o exame acurado demonstra a construção tonta e crudíssima do grande solitário, que só tinha vagas para o saber!

A obra do filólogo imediato faz arrancar instintivamente a frase de Castelar: "Pasma o entendimento e causa a admiração".

Chicos de notas e observações estão quase todos os livros de sua primorosa biblioteca de clássicos portugueses, quinhentistas, seiscentistas e dos modernos mestres da vernacularidade, e posso, entre muitos, citar vos o *Leal Conselheiro*, as *Ordens Afonsinas*, os livros de Fernão Lopes, Rui de Pina, Azurara, *Glossário das palavras e frases da língua francesa*, de Frei Francisco de S. Luís; e só acréscimo de Vieira escreveu quatro cadernos de um trabalho inédito, *Notas filológicas e gramaticais sobre os Sermões do Padre Antônio Vieira*, 1.ª edição, 1.ª parte, por ele dirigida e por ele

impressa em Lisboa, nas oficinas de Joam Costa, 1929.

Este homem teria sido preciosoíssimo à Academia, e, se não fôr de caráter retraído, poderia ter-lhe dado parte dos seus haveres filológicos.

Preferiu, porém, pela feição de anaoreta, fazer dormir os tesouros no silêncio da modestia a entregar-se a uma colaboração assídua, ao vosso lado.

Talvez a fama do filólogo ficasse ainda mais ressrita, se um sucessor de ordem material o não impelisse à publicação dos artigos neáreas dos fatos de línguagem.

O ilustre académico atraíava uma fase difícil da vida, quando um dos diretores do "Correio da Manha" o convidou para colaborador do jornal, em questões de filologia.

Iniciou então a série dos "Eshoecos críticos" a alguns assertos do sr. Cândido de Figueiredo", publicados no mesmo diário, de 26 de fevereiro a 16 de novembro de 1913, sob a epígrafe "Notícias filológicas".

Tendes conhecimento do expediente à vezes grandioso, às vezes assustador, das elusivas abundantes após as sécias do sertão. O livro de Heráclito Graça, modestamente impresso, deixou as primeiras manuscritas, o mesmo sentimento que teve o sertanejo, quando, após a tristeza de uma longa eca, recebeu de chofre, para os seus campos, muita água, mas em excesso: alegria e assombro.

De fato. Ouviu dizer que Heráclito Graça era exímio cultor da língua materna; isto constituiu -surpresa de alguns erudiotos, justa reputação feita, mas sem quase documentação. Cândido de Figueiredo fizera editar as *Ligções práticas da língua portuguesa*, e o vosso companheiro para demonstrar "certos desacertos doutrinários que na sua opinião o poliglota português cometia", provavelmente, por excesso de tempo, para consultar com vagar os mestres da língua, publicou o livro que conheceis. "O Português e o Brasileiro", disse Heráclito Graça, em estilo sóbrio e puro, sabem mal a língua riquíssima e harmônica que lhes tocou em sorte, e desdenhando-lhe, leem e aprendem por livros franceses.

Cheios de notas e observações estão quase todos os livros de sua primorosa biblioteca de clássicos portugueses, quinhentistas, seiscentistas e dos modernos mestres da vernacularidade, e posso, entre muitos, citar-vos o *Leal Conselheiro*, as *Ordens Afonsinas*, os livros de Fernão Lopes, Rui de Pina, Azurara, *Glossário das palavras e frases da língua francesa*, de Frei Francisco de S. Luís; e só acréscimo de Vieira escreveu quatro cadernos de um trabalho inédito, *Notas filológicas e gramaticais sobre os Sermões do Padre Antônio Vieira*, 1.ª edição, 1.ª parte, por ele dirigida e por ele

res do renascimento, da maleabilidade da língua portuguesa.

Garrett e Camilo, podem dizer, tiraram a gravidade do português e provaram a sua leveza e farta, ora despertando a solenidade, ora eriabilizando do idioma lusitano, como fez, sobretudo, Camilo, que, depois de Vieira, deve ser considerado o malabarista mais ágil do vocabulário português.

Essa reação foi desvirtuada pelo gênio cintilante de Eça de Queiroz, e pelos ouïos brilhantes de Filinto de Almeida.

Felizmente, Ramalho Ortigão, em sua sobriedade e elegância, atrevesse um pouco mais ao regime dos puros, mas cedeu ao francismo, a fim de não fugir à moda do seu tempo. Eça, que foi um dos maiores artistas contemporâneos, e que provou exuberantemente a gracilidade da língua, a sua pouca barba, fugindo da ênfase e seduzindo toda a mocidade portuguesa e brasileira com estilo simples e elegante. Eça, dizia eu, poderia ter sido, pelo seu gênio, o iniciador da moderna fase da língua vernácula, se não vivesse tão dominado pela influência francesa, e a tal ponto que motivou a frase do conhecido crítico português: é pena que este rapaz exercê a suas obras em francês.

Sen exagera de patriotismo podemos dizer que caberia, talvez, a Machado de Assis a honra que Eça de Queiroz não soube lograr, um dos raros escritores da língua portuguesa que, pela sobriedade helénica do estilo, é comparável a Renan e Anatole France.

A ênfase, porém, é a maneira habitual dos escritores dalem e daqueles, mas que manejam o português, e é muito difícil agradar à maioria dos leitores em nosso idioma sem a ênfase e, às vezes, sem a barba. E, possivelmente, uma condição do nosso meio, da nossa civilização, do tropicalismo da nossa imaginação, do nosso gosto literário. Entre nós a simplicidade se confunde com a trivialidade e a do escritor que não prova exuberância de imaginação ou riqueza de vocabulário!

Sabemos bem que o renascimento de uma língua não surge pela vontade das academias. Como disse Compte, o homem se agita e a humanidade o conduz, e se parafrasearmos a verdade do filósofo, podemos firmar a mesma lei para as línguas, que são organismos em movimento. No aspecto ortográfico, fonético, sintático, etc., as leis da linguagem moderna não podem ser moldadas cegamente pelos clássicos, sem o caldear necessário, sem o método comparativo das outras lin-

GRAÇA - A. AUSTREGESILO

gura da mesma origem, sem nenhuma é época, nem considerar o espírito científico da histologia, isto é, a base do senso da linguagem.

Foi muito mais fácil a João de Barros e a Vieira escreverem o português puro, que a Latino Coelho, a Machado de Assis e a Rui Barbosa. A razão é simples. No tempo daqueles escritores a influência sintética era latina, e Portugal florescente recebia influxo de civilizações espanhola. O latim já era língua morta, e a sintaxe espanhola em nada prejudicava o espírito da língua portuguesa. Hoje, não. A suggestão francesa é fatal. O predominio do espírito europeu e literário na orientação da alma latina forçou o escritor a desembalar, pela lei do mais forte, para o galicismo. O catarrismo, às vezes, uma doença, como o erro gramatical; no primeiro caso é uma anciã, no segundo um parasita. Campeiro, pois, que o estilista moderno escolha o menor dos males, a linguagem correta, sem pergaminho nem tafagismo, sem as leis da gramática, nem a imobilidade das estruturas, para falar um pouco medianamente, pois os modernos filólogistas consideram o idioma um organismo vivo, e quem vos fala é clínico.

A crítica feita por Heráclito Graça foi tão notável, que mereceu de Cândido Figueiredo a publicação de um livro, em resposta ao critico patrício. Em mil e setecentos pontos doutrinários do gramático português, Heráclito Graça encontraria cinqüenta e nove desacertos, mas Cândido de Figueiredo nem sempre aceita as opiniões do vosso confrade. Não poderei entrar na maioria das discussões, mas, da minha leitura desapavorida, parece-me que Heráclito Graça revelou sempre faria erudição; muitos pontos lá, defendidos pelo autor português, mas convencionais com a verdadeira índole da língua, que os criticados pelo saudoso acadêmico.

Deu em evidência a característica da sua vida intelectual, mas nela não se esgotou de todo a personalidade de Heráclito Graça. Nasceu no norte e lá educado, conservava do nordestino os caracteres principais: — amor ao trabalho, inteligência arguta e modestia apurada. Formou-se em direito em 1857, e fixou residência no Maranhão. Iniciou a vida pública na magistratura, como promotor, em São Luís. A serenidade da vida provinciana permitiu-lhe lazeres para o apuramento da literatura, já esboçado nos tempos acadêmicos, em que fizera versos, desconhecidos do público, mas guardados pela família, como amada reli-

quia. A sua tendência, porém, não se firmou na poesia. Quase todos nós temos, no princípio da formação da alma, inclines para a rimaria, e versos mais ou menos inspirados traduzem o sentimento romântico que então floresce quando floresce a mocidade. O verso é um estágio, a consequência ontogenética da alma dos nossos níveis, e progressivamente se vão apagando do espírito as fórmulas provisórias. Eis por que nascemos na rima e amadurecemos nas formulações concretas das tendências espirituais, bom diversas daquelas que nos deu a fase poética da inteligência. Felizes daqueles, porém, que nascem cantando e morrem cantando!

O poeta, na sua mágoa, é feliz, porque os versos podem ser lágrimas que encantam os olhos das lágrimas alheias, e assim a dor do poeta corre de boca em boca, de coração em coração, e faz-nos bem à alma ver alguém sentir as mesmas lágrimas!

Durante quatro anos, Heráclito Graça exerceu o ministério público; não se sentiu bem nos estritos limites da magistratura provincial. Quis a advocacia e o jornalismo.

O jornalismo é a leição natural com que as inteligências entre nós formam reputações literárias.

Ha simbiose do jornal e da literatura, de modo que comumente os homens de letras nascem do jornal. Só mais tarde é que surge a diferenciação dos espiritos combatentes e doutrinários da imprensa e dos que seriamente lancem no papel os magias silenciosas e insípidas dos sonhos.

Filiado ao partido conservador, fundou o jornal político *A Situação*, em parceria de Vítor da Silva, Gomes de Castro e outros. O jornal na província constituiu eleição de paixões e há grande prazer nas polêmicas violentas, agressivas, guerreiras, lutas de exterminio, que cessaram, como por encanto, ao primeiro sinal anistioso do chefe político. *A Situação* era também uma espécie de órgão oficial da literatura do momento, porque nela colaboravam Joaquim Serra, Gentil Braga, Trajano Galvão, enfim, a flor das letras maranhenses.

As inteligências distintas entre nós perlustram, na vida social, pontos habituais as conquistas: jornalismo, letras, profissões liberais e político. Heráclito Graça não poderia fugir desse trajetória; foi eleito, sucessivamente, a princípio deputado provincial, depois geral, em três legislaturas consecutivas, de 1868 a 1878, e trabalhou sempre pelo partido a que se filiou. Figura

agradável, palavra fácil, lógica sugira, o deputado maranhense, se não foi grande parlamentar, adquiriu, contudo, o bom conceito dos seus pares, pelos pacíficos e discursos que ainda hoje podem ser lidos com proveito, principalmente os que se referem ao recrutamento, à reforma judiciária de 1871 e à reforma eleitoral de 1876. O critério e a solidez em questões jurídicas puseram-no em plano superior, sobretudo nas Comissões de Contas e de Justiça, anuncianto desde então o futuro jurisperito.

Heráclito Graça foi ainda Presidente da província da Paraíba e no Ceará, sua terra natal.

A passagem dele pela política foi um estágio, espécie de batismo forjado; mas esta não era a feição psicológica de Heráclito Graça: faltava-lhe a paixão, o nervo do combatente, a alma preparada para as comocções fortes e para os mortifícios das eventualidades. Seguiu-o destino: poeta, magistrado, jornalista, político e advogado; fixou em 1877 residência no Rio de Janeiro, onde se lhe confirmaram as maiores e melhores tendências espirituais: de filólogo, e jurisperito, como advogado e depois consultor judicial do Ministério das Relações Exteriores. Faltou-lhe sentido crítico para avaliar do mérito do autor do Direito, mas o convite de Rio-Braneiro para que trouxesse parte como advogado do Brasil nos Tribunais Americanos com o Peru e a Bolívia constitui boa prova de saber e competência.

Digamos, entretanto, a verdade, que não será óbvio. O Direito não foi a fórmula eletriva do seu espírito, como o lora a Fausto Batista, Teixeira de Freitas e Tobias Barreto. A teição principal, a tendência de Heráclito Graça definir-se pela cultura da língua materna, em que vivia, vibrava; deixou-se envolver nessa paixão, e solitário, gozou a alquimia da língua portuguesa. Permitiu que a luz da inteligência se extinguisse dos outros ecentos dos seus conhecimentos para que mais se lhe alunasse o amor ao vernacular. Esse beneditinismo fora resplandecente.

A não serem os intímios e os contemporâneos que coube mais privá-lo, pouca gente sabia do grau dos seus conhecimentos filológicos. Esta opinião não é pessoal. Quando Cândido de Figueiredo recebeu os primeiros artigos do *Correio da Manhã*, enviado por um amigo residente no Rio de Janeiro, recebeu também a seguinte nota explicativa: "O autor é advo-

gado conciliado e foi de grande de muitos dos seus gado conciliado e foi de grande de muitos dos seus

saibentes. Basta lembrar-vos que se putado no tempo do Império, logia sugira, o deputado maranhense, se não foi grande parlamentar, adquiriu, contudo, o bom conceito dos seus pares, pelos pacíficos e discursos que ainda hoje podem ser lidos com proveito, principalmente os que se referem ao recrutamento, à reforma judiciária de 1871 e à reforma eleitoral de 1876. O critério e a solidez em questões jurídicas puseram-no em plano superior, sobretudo nas Comissões de Contas e de Justiça, anuncianto desde então o futuro jurisperito".

E por esse humor, que sempre conservava ocultamente, deixou de ser grande de jurista ou literato, no rigor do termo, sofrendo os desgostos da pobreza, dominado pela nota do seu caráter: modestia e escrupuloso. Este levava-o ao excesso da autocterica e da consura, avaria demais a perfeição e só admitia obras impeccáveis, sobretudo no aspecto vernacular.

De uma feita, contou-me um dos amigos íntimos de Heráclito Graça, certo rosto simbolista lhe pediu juízo crítico e um prólogo para o seu livro. Filólogo, depois de ponderada leitura, neossellou ao poeta querer a lira. Este, tocado no amor próprio, revoltou-se contra o juiz severo, dizendo serem seus versos *ótimos* e pertencentes a uma escena literária dominante. O sábio, cheio de bom humor, respondeu-lhe sorprendentemente: "desde menino ouviu dizer que asneira é causa velha".

Pena é que Heráclito Graça, um benemerito da deuses e é devido pelas línguas portuguesas, como lhe chamou Cândido de Figueiredo, fosse alquimista e levasse para o túmulo o seu

vol. 3.)

(Discurso Acadêmico,

vol. 3.)

OS FATOS DA LINGUAGEM

(Continuação da pág. 43) fôrás várias vezes deputária, que nos mostrava tudo geral e presidira em dias em que o poeta provinciano, passava as horas do dia quase sem

não apreciava ali. Por sinal que uma vez conspiramos publicar um admirável soneto dele, brincadeira que o contrariou bastante.

Outras vezes, durante o dia, eu procurava o filólogo, em seu escritório de advogado, um antigo

No comportamento contigo tinha o escritório o conselheiro Lourenço de Albuquerque, outro sobrevivente do antigo regime, homem de elevadas qualidades culturais e maneras apri-

rosas estantes altas e escravas, na meia lucida das antigas e estreitas roupas onde o sol parecia tinhá-las, e eu, só ou com Graça Aranha, gozava o encontro dessa peleira instrutiva e cheia de inten-

Os dois velhos amigos conversavam muito nas muitas horas vagas que raras onde o sol parecia tinhá-las, e eu, só ou com Graça Aranha, gozava o encontro dessa peleira instrutiva e cheia de inten-

(Continua na pág. seguinte)

ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA ALCEBIADES - JOSE' MARIA BELO



José Maria Belo

Nota sobre José Maria Belo

José Maria de Albuquerque Belo, nascido em 18 de dezembro de 1885, no Engenho Tintegual, município de Barreiros, Pernambuco. Estudou humanidades no Ginásio Lyceu Gama no Recife, e o curso de Direito na antiga Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, onde se tornou em 1911.

Exerceu os cargos de Reitor de debates e diretor da Biblioteca da Câmara dos Deputados e Professor da Escola de Filosofia da antiga Universidade do Distrito Federal e da Faculdade de Filosofia do Instituto Lafayete. Atualmente procurador Geral da Procuradoria. Foi Deputado e senador federal por Pernambuco. Eleito e reconhecido Governador daquele Estado para o quadriénio 1930-1933 não foi empossado em virtude da vitória da revolução de 1930. Esteve como airdo à Embaixada do Brasil

Conferência da Paz de Verdes, de 1919. — Fez parte das delegações do Congresso Nacional às Conferências Parlamentares Interacionais de Comércio de Roma em 1925, no Rio de Janeiro em 1926, e de Berlim em 1929.

E também jornalista, tendo sido colaborador de vários jornais do Rio, São Paulo, Bahia e Recife.

Bibliografia de José Maria Belo

"Estudos Críticos" — Livraria Jacinto — Rio, 1917.
"Novos Estudos Críticos" — Revista dos Tribunais — Rio, 1917.
"Ensaios Políticos e Literários" — Livraria Castilho — Rio, 1918.
"A Margem dos Livros" — Anuário do Brasil — Rio, 1922.

"Os Exilados" — Romanço — Premiado pela Academia de Letras. Companhia de Livros e Papéis — Rio, 1927.

"A Noção Filosófica e Social do Direito" — Ariel Editora — Rio, 1933.

"Inteligência do Brasil" — Editora Nacional — São Paulo, 1938.

"Imagens de Ontem e Hoje" — Ariel Editora — Rio, 1936.

"Panorama do Brasil" — Livraria José Olimpio — Rio, 1936.

"Democracia e Anti-Democracia" — Rio, 1936.

"A Questão Social e a Sociedade Brasileira" — Imprensa Nacional — Rio, 1936.

"História da República" — Civilização Brasileira Editora — Rio, 1940.

Não entroste anos. Naquele dia recebemos o ofício natal, tempo, freguesiamos os altares-mor e jardim da Glória. Era solteiro, e não sei se ainda é hoje, e jardim das orquídeas. Tôdias as noites, entre as 7 e as 9, povoava-se de floradas passejadeiras de bambolins. Marinhas de todos os tipos: louras, de faces claras, morenas de cabelos negros e lassos; outras aves e ingênuas, amas outras verdes e amarelas, outras e, ainda, olhos castanhos, pretos e bons. Havia também todos os temperamentos. Uma humanidade em miniatura. Fáturas esbeltas, já graves, metidas consigo, criaturas meigas e timidas, garotos espertos e vivos, meninas quase adolescentes, com a graça gentil e o encanto dominador e perfeito de sexo... Agradava-me a seu contacto a minha adolescência sentada bem nequela mundo infantil. Vivia então das primeiras leituras de Michelot, de Thouriet, de Jólio Diaz, de escritores suaves e cacos. O vencido de Eça e de Anatole, carói mais tarde... Comei era curioso observar a desabrochar daqueles pequenos coros, as primeiras manifestações das personalidades próximas... Havia os violentos, que tudo queriam resolver pela força, os timidos, os fracos, alguns amac, quase todos bons e generosos, os que nasceram para obedecer e os que nasceram para mandar, e nos quis o destino da multili-

tas, agora heróis, calado sobre a terra. Não conseguia, entretanto, prender os belos recordações, la relíquias, quando um outro empregado deu as aproximações, chamando-o: "Alcebiades!" Era pois o Alcebiades de ontem esse passado? Por que aquela formosa crianga, orgulho e esperança da mais dura das mulheres, da mais suave das mães, vendia tritões, peixes do Garrafão? Fiz-me combinar a salmao juntes. Entrámos juntos. Entrámos em um café e só contou-me a sua história. Era simples e vulgar.

Depois da morte da mãe, no quale ano em que a confeiava o jardim da Glória, fera outrague a um tio. Tirava a educação cívica de um moço brasileiro frequentava um colégio e cursava uma Escola Superior. Formava-se e um passado em odontologia. Entrara em concursos no Cordeiro e, agora, era praticante. Canhava pouca, mas tinha esperanças na vida. De Moyer, era vizinho e prestava alguns serviços ao coronel Henrique, que lhe prometia um empréstimo melhor no Matadouro. Estava noite de uma das numerosas filhas do capitão Meira, funcionário apresentado da Estrada de Ferro. O sogro auxiliava-o trainava mesmo de lhe montar consultório em Anchieta, e já lhe conseguira uma patente da Guarda Nacional. Um pouquinho daqui, um pouquinho dali, arranjava a sua vida. Ainda sábado, acrescentou sorridendo, acertava numa caixinha de bichos; dava para comprar o anel de dentista... Coelhava-me tudo, descia a minhola num fluxo fácil, contante consigo e com o mundo. Era um vendedor. Conquistava lentamente todas as etapas da vida. E senhava. Carterizava-a de ambiente brasileiro tinhava feito da criança radiante de outrora este pobre moço de hoje, sua as suas ambições malditas, as suas pequenas esperanças, a sua inutilidade social, e seu pessimismo triste. Alcebiades, funcionário público, oficial da Guarda Nacional, político de subúrbio, jogador de bilhar, leitor de "Manual do Perfeito Secretário", membro da Associação Espírito e, provavelmente, de alguma sociedade carnavalesca... estava completo. Nada faltava à sua glória. Lembrava-me de pequeno Alcebiades, nascido para dominar e para vencer, a mais bela, a mais forte, a mais inteligente das crianças. Falhara tudo. Gostava cada dia de educação burguesa hastava para maior em embrião as mais fortes virtudes. Pobre pais... Se Alcebiades se socorrerão indistintamente, para desgraça própria e maior desgraça tua.

Uma noite, Alcebiades não veio. Procurei por todo o jardim aquela face radiante de criança e aquele perfil suave de menino, com seu sorriso claro e os seus gestos brandos. Outra noite, e outra, e outra. Tinham desaparecido misteriosamente. Model de baixar. Os anos desapareceram, bairros a varões. Nunca mais soube de Alcebiades. Que teria sido ele? Dava na terra o seu medo?

Um dia distes, entre os Correios Brasileiros. Era domingo. Raras pessoas. Os empregados calhavam no calor da tarde abafada. Tive pena de os despedir. A um canto, um moço pálido ficava atentamente vestido de uma galinha como uma fera magra de circo. Aquela parecia-me a correspondência. Apresentei-me. Quando ergueu os olhos de livre, cujo título li num relatório de "Manual do Perfeito Secretário" — pareceu-me que era, rigorosa, aquela face pálida, aquelas cabeças castanhos e

entredentes. Alcebiades tinha de jantar com a noiva. Despedimo-nos. De pé, na calçada, fiquei aí de alguma maneira a vê-lo descer a sua escada, com os sonhos embalados, a sua roupa mal feita e sua barba de cinco dias, a sua risonhada maria, a sua atrizinha das vidas sedutorias, para a sua tripla e lastimável destino. Alcebiades! Tu és um símbolo... Te mereces os poemas... (Dos Ensaios Políticos e Literários)

CONTEMPORANEA - FLORIANO PEIXOTO

2.ª SERIE - ANTOLOGIA DA PROSA XX JOSE' MARIA BELO

- Retrato - JOSE' MARIA BELO

A renúncia de Deodoro da Fonseca elevava a presidência da República o seu substituto constitucional e velho companheiro de classe, desde a campanha do Paraguai, o general Floriano Peixoto. Quem era este homem? Que herança recebia? Como cumpriria a missão que lhe determinavam os acontecimentos?

Nenhuma figura da História brasileira tem sido mais discutida do que a sua. Inspirou aos seus coetários ardentes fanatismos e tremendos ódios. Ainda hoje, quase meio século depois do seu governo, nem sempre é fácil julgá-lo com serenidade. Somente o decorso do tempo poderá extinguir as derradeiros ressabos dos sentimentos extremos que despiu. Nesta aptidão para acender as paixões dos que viveram na sua época, e, mesmo, dos que procuram contemplá-lo dum plano histórico, reside, naturalmente, o primeiro sinal da sua superioridade ou, pelo menos, da sua originalidade. Não se lhe confunde a personalidade, envolta em vago mistério, que desafia a argúcia psicológica dos seus críticos e historiadores. Euclides da Cunha popularizou-lhe a alcunha de Estíngue; os que tentavam decifrá-lo foram friamente devorados.

Não se distinguia Floriano por nenhuma qualidade exterior de fascínio e de domínio. Desuidado de si mesmo, máscara mediocre, de traços inexpressivos e adotados. Falta-lhe, por exemplo, o porte marcial, o "clan", olhar tempejante de Deodoro. Não se lhe vibra a voz arrastada de homem do Norte; não se lhe impõem jamais os gestos e as atitudes. Pela perfeita impossibilidade, como por outras virtudes e defeitos, lembra Benito Juarez, vindo da mesma origem americana. Não tem brilho a sua inteligência, que é, especialmente, a intuição divinatória dos homens. Escassa a sua cultura, quase reduzida aos conhecimentos técnicos da sua profissão. Não revela curiosidades intelectuais, dúvida, aflições de vida interior. Deve- lhe o dinheiro; deixam-no completamente indiferente as comodidades materiais da vida. Despreza a humanidade, e por isto mesmo vive facilmente todos os valores que o cercam. Confundindo-se de bom grado nas multidões humildes das ruas, conserva-se, entretanto, impenetrável a qualquer intimidade. A família de pequeno estilo burguês, esgota-lhe, porventura, a capacidade efetiva. Como os de sua raça cobiçosa, é um desconfiado irredutível. Não abre nunca. Simples e acessível, embora incapaz de impetuosas tempestades, de grossas e alegres pilhérias, tão fáceis sempre em Deodoro. No fundo, um triste. A sua ironia, tan firme no vasto anedótario que corre por sua conta, tem sempre alguma coisa de gelida e de cruel das temperâncias resentidas e amargas.

Apesar de todas estas qualidades negativas de êxito, soube, todavia, como nenhum outro brasileiro, conquistar entusiasmos ardentes, coletivas, muitas vezes de misticismo. Se, para a maior parte das elites brasileiras, Floriano pode ser uma expressão das forças mais bárbaras da

alma do país, uma espécie de retardado na cros- ta da civilização hitoriana, ou do que, em outro plano psicológico e outras condições sociais, seria, por exemplo, para os norte-americanos, ainda educados no clima de Washington, de Jefferson e de Hamilton, a presidência do rude Jackson, para a enorme massa dos seus contemporâneos incarnava justamente o que havia de mais profundo, mais sincero e mais telúrico na nacionalidade. Quebrado o verniz da sua vida, mal adaptado a modelos exóticos, o Brasil primitivo encontraria perfeita correspondência na tria, astuciosa e indomável psique do seu herói caboclo. Assim, pôde ser por muito tempo, e ainda hoje, um símbolo da nação autêntica das sete dimensões e brutais contra a nação artificial das cidades, que o Império alimentara e os bancharéis e jornalistas do Governo Provisional supunham intangível...

Na guerla política do Brasil, era desconhecido até então o seu tipo. Na primeira fase da nossa vida independente, tinham florescido alguns homens de poderosa vontade, profundamente marcantes, como José Bonifácio, Feijó, Bernardo de Vasconcelos. No 2º Reinado, outros homens de governo, como Paraná, Olinda e Ouro Preto, distinguiam-se pela energia autoritária. As guerras do Prata e do Paraguai revelaram alguns heróis militares de arrogante bravura, como Osório, Bartoso, Tamandaré, Pelotas, Deodoro. Em Caxias aliavam-se singularmente o gênio militar e o senso da moderação política, que lhe facilitava a obra de apaziguamento dos ódios fratricidas. Mas nada tinham de enigmáticos; todos estas figuras se revelavam nitidamente nos primeiros entrechoques dos acontecimentos em que se envolviam. Floriano era uma surpresa psicológica. Reproduzia, no avanço das suas origens étnicas, o caudilho característico da América espanhola, o caudilho talvez da mais pura subespécie, taciturno, reservado, desdenhoso de pompos exteriores, amando o poder como uma forma de projeção da própria personalidade, não hesitando ante violências que julgasse necessárias, indo, possivelmente, até à crueldade, mas ao cabo, cuidadoso de certos formalismos legais e barocárquicos.

Nada tinha de extraordinário a carreira de Floriano, só o advento da República. Nasceu em 1839, num engenho do litoral alagoano, próximo de Maceió, de modesta família de agricultores, sem a prosapia e os hábitos de talharia dos grandes latifundiários da cana de açúcar do Nordeste. Os pais pobres, sobreexarcados de uma prole de dez filhos, entregavam-no aos cuidados de um tio, senhor de engenho de maiores recursos e envolvido nas tempestuosas lutas partidárias da província. Completando o curso secundário ou de preparatórios, como se chamavam, então, as humanidades propedéuticas, num colégio do Rio, assenta praça num batalhão de infantaria para, em 1861, matricular-se na Escola Militar. Faz um curso sem relêvo especial, distinguindo-se antes pela força e agilidade físicas e pelo gosto de pintar panos de boca do teatrinho de Escola. Naquele mesmo ano de 1861, conquis-

ta o primeiro posto de oficial: alferes de artilharia. Em 1865, segue para a campanha contra o ditador do Paraguai, comandando em Uruguai na pequena esquadilha fluvial, que impede a junção das forças inimigas. Já se distingue pela bravura flemática do tipo de Fábio ou de Tibério, e que lhe justifica em parte a promoção a posto imediato. Toma parte em várias grandes batalhas, como Tuiuti, Itororó, Lomas Valentinas, Augusturas, etc.. Começa a popularizar-se entre os companheiros a sua tria intrapiede. De uma felta, ter-se-ia exposto passivamente às balas inimigas para dar exemplo de coragem a soldados amedrontados. Somente volta ao Brasil quando a guerra termina com a morte de López, e elevado já ao posto de tenente-coronel, reluzente de condecorações militares.

Com o retorno à paz, a carreira de Floriano burocratiza-se como as de tantos outros militares. Preenche várias comissões sem maior importância, com frequentes intervalos de repouso no engenho alagoano do tio, que o educara e que 1872 se tornara seu sogro. Em 1882, fiscalizando os escandalosos exames ginásiais de Maciá, por parte do governo central, tenta moralizar-las, e no ano imediato é promovido a brigadeteiro, equivalente, na hierarquia militar de hoje, a general de brigada. Comandante das armas em Pernambuco e Ceará, deve ter aplaudido discretamente a campanha pela libertação dos escravos, pois é aclamado sócio honorário do clube abolicionista — "Ceará Livre" — do Recife. Em 1884, é nomeado presidente e comandante das armas da província de Mato Grosso. Interessa-se pelo desenvolvimento da indústria extrativa do mate, e procura reprimir os índios selvagens que ameaçam frequentemente a própria cidade de Cuiabá, segundo os métodos violentos empregados pelos pioneiros dos Estados U e pelos caudilhos da Argentina. Deixa-se atraír pelas lutas políticas, alinhando-se no Partido Liberal (Deodoro pertencia ao Conservador), e toma assim viva atitude no movimento abolicionista. Em certa época, pensa em reformar-se para explorar o engenho de Alagoas. Comandante da 2ª Brigada, com sede na capital do Império, é nomeado imediatamente ajudante-general do Exército. Com a ascensão do ministério liberal de Ouro Preto, conquista o pentúltimo posto da hierarquia — marechal de campo — e é efetivado nas funções de ajudante-general. Nestas altas situações da carreira e da administração militares, encontra-o a República.

Qual forá a sua atitude ante o novo regime? Como tudo que se refere a Floriano, é sempre difícil tirar resposta. Para os seus ardentes correligionários da primeira hora, ele se inclinava há muito tempo pela República, discretamente comprometido na conspiração militar que derrubou o trono de Pedro II. Mas o chefe do último gabinete monárquico, Ouro Preto, continha absolutamente na sua lealdade as velhas instituições, e os seus companheiros de classe, não sabiam como os receberia o ajudante-general do Exército, que tinha sob o seu imediato

(continua na pág. 76)

A CRISE ECONOMICA - JOSE' MARIA BELO

Há vés vãs que especulavam, homens de governo, publicistas, jornalistas e simples curiosos discutem a crise econômica deflagrada pelo desabrochar das ávidas das forças do Novo York, e que vem encobrindo o seu crescimento, manifestando-se de mil apreensões e se as crises, naturalmente, evitadas. Uma crise de superprodução, sob dois aspectos: deficiência das ofertas e excesso de oferta ou excesso de oferta e dificuldade diagnóstico. As crises são súbita a prova. Não têm destruidores trinta anos, em razão de sua natureza, permanecendo a crise, manifestando-se de maneira geral, de modo que a crise iniciada em 1929 não se estendeu ao longo de todos os países, e nem a sua intensidade e extensão haver, pois, sob tal aspecto, depurou os povos, revelando-
tudo o que havia de mais profunda e duradoura, mais intensa e mais grave.

Mais crise de superprodução, teria determinado imediatamente violenta baixa de preços, o que nem os estados norte-americanos e nem as europeias conseguiram, pelo menos para os de retalho. Sua intensidade e extensão haver, pois, sob tal aspecto, exasperadas pelo próprio processo de consumo seiva incompleta explicação, desde 1901, 1915 e 1920.

Tudo indica, desde o que, teórica e praticamente, é, portanto, imediatamente da produção e do consumo. Sinalmente, recordando as previsões do mestre, quer ver nas condições trágicas do momento o fatal equívoco do capitalismo. As crises econômicas são de origem endógena, isto é, emanam do próprio sistema econômico, não refletindo causas externas. Para lutar contra a concorrência e realizar o máximo de lucros, o capitalismo eleva ao extremo a capacidade de produção, conservando, todavia, o baixo nível da capacidade produtiva dos massas proletárias.

(Do Panorama do Brasil)

ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA

JOAQUIM NABUCO - José Maria Belo

"EXCERTO"

Nascera para a vida logo, um sonhador, exterior. Lembra-me, paz, todavia, de agir, a vezes, a frase de de se dedicar a uma grande obra social co- Chateaubriand: um mo a abolição. Mais epicurista, com a imaginação e católica, dirá ("Pensées De- Nabuco teria mais do tachées"), analisando que a imaginação: teria sentido católico, porque, não era de molde a bas- fato curioso, este ciente, capaz de pre- tar-lhe à imaginação. Quebrado o encanto li- terário, o ceticismo do ménage da "toilette", de Renan começou a fati- estudar ao espelho um gá-lo.

"Desde a Academia, dos, contente de si e escreveu Nabuco, a lí- de sua beleza, sensível a glórias, foi uma al- ternaram uma com a ma séria e grave. Sua admiração pelo doce ria curiosidade e go- Renan, de quem tanto fala, provém, creio, mais de atitude literária, de encanto natural pelo suave estilo, do que de analogia de temperamentos. Dois espí- ritos diversos. Renan foi um cético que culti- vava com delícia o jardim da dúvida e da malícia. Só acreditava na beleza. Desconfiamos tanto da sinceridade de suas confissões, quanto da fraqueza dos seus julgamentos sobre poetas que lhe ofereciam livros de versos. Mentiras de "pura eu- trapela" ou pequenos fogos-fátuos literários, exigidos pela necessi- dade de uma frase bem equilibrada".

Nabuco não duvidou jamais de Deus e dos homens. Foi um ideó-

de moco, leva mui- rando-as entre si, num possivel um momento, to, mesmo na época em espírito eruto como o de abstração, em que que se sentia mais ho- de Nabuco e, principal- mem político do que de mente, quando se tem letras. Em filosofia, le- — foi este o seu caso — ra e assimilava Spino- certa inquietação, cer- za, Hegel, Kant; em ta universalidade, que exegese religiosa, não permitem a fixa- Strauss e Renan; en- ção dentro de um siste- critica literária, Saint- ma rígido. Não se ad- Beauve e Taine; em quire a cultura por su- poesia, Lamartine, Hu- go, Musset, Heine, e se justapõem e que, mais tarde, Shelle, depois, se possam iso- Goethe e Bawville; em lar.

história, o eloquente Macaulay, e, posteriormente, Taine, Monam- sen e Ranke. No ro- mance, ficou quase que exclusivamente em Júlio Sandau, "à sombra dos sens antigos, reconstruídos pela mo- derna burguesia, entre as duas sociedades, a velha e a nova, que ele queria fundir pelo amor..." E mais forte Nabuco esteve todo ainda do que a impres- são que lhe deixara Sandau. Foi a que ele classificou de aristocrata e feminina, dos estudos de Cousin sobre a sociedade do sé- culo XVII. Dominando todas as influências literárias, a de Chateaubriand e Renan, e, atuando paralelamente, a dos escritores políticos e de direito público, entre outros Bagehot, Burke, Tocqueville, De Maistre e Olivier.

Caberia aqui estudar as influências literárias, filosóficas e políticas, que atuaram na formação intelectual de Nabuco. Diz ele que,

Até à idade madura, Nabuco esteve todo voltado para o mun- do exterior, para a vida ativa. Só o tentava o aspecto bri- lhante das coisas. Foi carreira e estatística, sendo orador e publi- cista, dando a esta pa- lavra acepção tão ampla que possa abranger,

por exemplo, Burke e Bryce. Não lhe seria

(Da Inteligência do Brasil)

Jm res. n. 136/45

"Fac-símile" da assinatura do sr. José Maria Belo

FLORIANO PEIXOTO

(Continuação da pág. 75)

ta responsabilidade a defesa do quartel-general assediado e do ministério nele recolhido. Parece que, no fundo, Floriano, tendendo sempre à ambivalência, como todos os homens de sua família psicológica, se mostrava indiferente a formas do governo. Realista frio, oportunista político, só somente se decidiria na hora extrema. Nem o seu chefe, Ouro Preto, nem o Império lhe mereciam o sacrifício de jogar forças de reserva no quartel-general contra as tropas amotinadas de Deodoro. Adere à República, provavelmente sem os escrúpulos da consciência ativa de Deodoro. Mais tarde, quando chega à sua chefia suprema e a defende contra as revoluções, o exaltado e mórbido nacionalismo dos jacobinos procura divinizar na sua figura o republicano perfeito, que o positivismo ortodoxo já adotara como símbolo da ditadura redentora.

Na sua correspondência particular, em re- gra, de nulo interesse, são vagas as alusões à política, que ele aprecia somente através de rivalidades dos dois partidos rotativos. A "questão

militar", que apaixonara tantos dos seus colegas Novembro, exercendo o posto de maior responsabilidade do Exército, parece perfeita sua utilidade. No dia 13, agradece a Ouro Preto pequeno Entretanto, em carta íntima a um amigo, datada favor que lhe solicitara, acrescentando que o de Julho de 1887 e da província, ele lhe faz curtos comentários: — "vi a solução da questão de que tramavam algo por ai além, mas que não classe: excedeu sem dúvida a expectativa de todos. Fato único que prova exuberantemente a podridão que vai por este pobre país e que mu- to necessita da ditadura militar para expurgá-la... Como liberal que sou, não posso querer para o meu país o governo da espada; mas há quem desconheça, ai estão os exemplos, que é impossibilidade de acordos, afirmara, numa das que sae purificar o sangue do corpo social, suas frases pitorescas e sibilinas: "entim, se a é que, como o nosso, está corrompido..." Na época da sua ditadura, a semelhantes palavras pode- ria ser atribuída significação profética. Floriano traçaria consigo o próprio caminho... Mas, no meio da sua banal correspondência, dois anos tentativas. Recordámos, em outro capítulo, e meio antes da República, elas têm apenas a se portou na manhã de 15 de Novembro e o sentido de uma irritação ou de um desabafo passageiro. Continua pacificamente a servir o Império. Nas vésperas do golpe militar de 15 de

(da História da República)

CONTEMPORÂNEA - PEDRO II.

2. SÉRIE-ANTOLOGIA DA PROSA
XX JOSE' MARIA BELO

"RETRATO"

A análise do regime extinto em 1889 reduz-se quase ao estudo das figuras que o encarnaram ou o definiram, a começar, naturalmente, pela que se encontrava no pináculo. Desta forma, antes mesmo de sumarizar as condições econômicas e sociais dos derradeiros anos do Império, convém recordar em alguns traços a personalidade de Pedro II.

Não há, atualmente, outra que tenha merecido melhor atenção dos biógrafos e historiadores nacionais. Depois do rápido período de exaltação jacobina, em que foi vogar com ele, Pedro II tornou-se alvo de permanentes louvores. Dir-se-ia que no seu elogio quase incondicional há uma espécie de fuga ao passado. O Império encheria as nossas saudades, e o velho rei, "neto de Marco Aurélio", seria impecável modelo para os governantes brasileiros... Se, como homem privado, as suas grandes virtudes lhe fizessem esquecidos pequenos defeitos, como homem público, como guia ou condutor de um povo jovem não se lhe exculham as falhas com a mesma facilidade. Meditando sobre o longo reinado, temos, muitas vezes, a impressão de que mais o preocupava preparar o ambiente que lhe agradava ao feitio pessoal do que construir a nação real e viva. Não foi um estadista; faltava-lhe a visão de conjunto, o gosto da política, a oração de ouvir.

Honesto cumpridor de deveres, patriota sincero, tocado mesmo de certos preconceitos nativistas, realizava o melhor tipo do alto funcionário público. Era intangível a dignidade da sua vida privada; alto e espontâneo o seu desprezo pelo dinheiro; instintiva a sua repugnância pela desonestidade e pela falta de compostura moral. Inteligência não muito acima do mediocre, incapaz de comover ante os aspectos de beleza artística da vida, amava as atividades do espírito, embora na sua constante preocupação comércio com escritores e sábios estrangeiros houvesse um tanto de exibicionismo provinciano. Sinceramente liberal e generoso, nem sempre, no entanto, soube esquecer e perdoar. Voluntarioso, renaz, por vezes até à obstinação, como na insistência em que fica quase isolado, de levar a guerra do Paraguai e ao aniquilamento pessoal de Lopez, ou nos excessos do seu realismo na questão com os bispos de Pernambuco e do Pará, era, em regra, um timido, essencialmente contemporizador, talvez desencantado e cético.

Não tinham irradiação a sua inteligência e a sua própria bondade. Não soube fazer amigos, inspirar dedicação e entusiasmo. Era um isolado, mesmo no pequeno mundo de mediocridades intelectuais em cujo comércio mais se comprazia. Não no estimavam os políticos que com ele serviam por quase meio século; muito menos as inteligências mais brilhante e mais independentes do Brasil de seu tempo. Nada lhe fora transmitido da impetuosidade de Pedro I. Como acontece com a maioria dos homens, estava muito mais perto, psicologicamente, da herança materna. De D. João VI recebeu, porventura, o ânimo pacífico, o gosto do trabalho, a capacidade de assimilação, sem igual visão arguta de administrador.

A infância segregada e triste, os erros irremediáveis da primeira educação explicam-lhe naturalmente os principais aspectos do caráter grave e retraido. Modesto e soberbo sem esforço, desdenhava as exterioridades brilhantes do mundo, embora tivesse o orgulho, não confessado, de sua estirpe. Não estimando a política, nem os desportos físicos e nem a vida social, teria fatalmente de restringir-se no mundo interior do pensamento. Mas como este não era, afinal, de longo fôlego, não lhe permitindo uma alta compreensão filosófica ou religiosa da vida (foi sempre um tanto "voltaireano"), à maneira de um M. Horaix, cutiu) ou uma sensibilidade estética excepcional, evaziava-lhe, de algum modo, o destino.

A minuciosa tarefa do expediente diário, o prazer de censor, o "gênio das bagatelas" descontam-lhe, talvez, o fôlego íntimo, concorrendo também para limitar-lhe os horizontes intelectuais. Educa a nação como um paciente mestre-escola. Fiscaliza-lhe estreitamente a vida, numa rígida disciplina burocrática. Liberal por índole e cioso de sua auréola de "Rei filósofo", tenta contê-la nos quadros do constitucionalismo parlamentar. Mas sabe melhor do que ninguém que tudo emanava de sua vontade. Podendo ser impunemente um tirano ridículo, como es que cultivavam as Repúblicas da América Latina, "singiu" nobremente que "governava um país livre". Como a de quase todos os homens, dentro de certas constantes morais, é possível distinguir a evolução psicológica de Pedro II em duas fases distintas. Findaria a primeira antes dos cinquenta anos, no término da guerra do Paraguai. Ele é o supremo árbitro da vida do país, um tanto isolado no mundo. Disfarça menos a própria autoridade. Libertos que lhe tutelaram os primeiros anos de reinado, sente-se na plenitude de suas forças. Desapareciam as gran-

des figuras vindas do Primeiro Reinado e da Regência, como Feijó e Bernardo de Vasconcelos. O alto Paraguai não pôde realizar sob "inspiração augusta" a política de conciliação, que eliminaria as fronteiras ideológicas dos partidos, facilitando, consequentemente, a ação do poder pessoal do soberano. O casamento, sem amor, dá-lhe uma esposa modelar de virtudes domésticas. Os nascimentos dos filhos completam-lhe a felicidade do lar e o enchem de esperanças. Torna-se menos reservado. O Brasil é-lhe grato pela paz e pela ordem interna, que parecem ainda mais preciosas comparadas com a desordem endêmica do Continente, simbolizada, por exemplo, na tirania de Rosas. Ele é que dá impulso à política intervencionista no Prata e estimula as primeiras e modestas tentativas de progresso material. As insolências do ministro inglês Christie revoltam-lhe o pudor de patriota. A guerra do Paraguai absorve-lhe os melhores cuidados. Quando esta termina, retorna os velhos sonhos abolicionistas, com as habituals cautelas de seu temperamento.

A campanha do Paraguai, como observa justamente Joaquim Nabuco, vale pelo primeiro grande contacto do Brasil com o mundo além das suas fronteiras. Bem ou mal, ela nos focaliza no plano diplomático. Quebravamo-nos o velho isolamento. Começam a recuperar mais vivamente as grandes correntes intelectuais do século passado. O romantismo renova a cansada seiva literária, de tão pobre saber reinol; os primeiros conhecimentos da filosofia positivista e agnóstica abrem as elites das escolas superiores à nova compreensão dos fenômenos do mundo físico e moral. De certo, não era edificante o exemplo das repúblicas sul-americanas, que melhor conhesceríamos no decurso da campanha do Paraguai. Entretanto, agia como dissolvente da idéia monárquica, tão exótica na América republicana e equalitária. O pesadelo da escravidão humilhaava as melhores consciências. Provavelmente, o Império não teria resistido a uma derrota militar, como, no mesmo ano do fim da guerra do Paraguai, não resistiria o de Napoleão III. Vitorioso na perseguição e morte de Lopez, Pedro II conseguiu protelar-lhe o desaparecimento.

Mas ele mesmo se transforma. Envelhece precocemente no corpo e na alma. Dir-se-ia que o grande esforço da campanha militar o fatigara, destruindo as ilusões que pudesse ter sobre a sua missão no Brasil. Pouco a pouco, abandona as prerrogativas de que era mais cioso. Atento ao quotidiano dos seus deveres funcionais, parecem persistir-lhe demasiado as funções ou encargos mais altos do governo. As suas viagens à Europa e à América do Norte são como evasões às coisas aborrecidas que o cercavam. Correndo apressadamente países e cidades, fazendo sobre as coisas ilustres pelo passado ou pela beleza artística, que visitava, as vulgares observações das turistas mediocres, confundindo, muitas vezes, o valor dos homens eminentes que procura, redimensionando-o, no entanto, neste aspecto, pelo pressentimento da revolução musical de Wagner e pelo respeito aos gênios de Pasteur e de Edison. Pedro II enfraquece-se por suspeitar os cuidados do governo. Na sua imensa correspondência de viagem, por exemplo, ou em outros documentos análogos, não se revela jamais a preocupação de estadista. Parecem-lhe indiferentes os problemas econômicos; alheia-se das formidáveis transformações sociais que a civilização capitalista da máquina determinava na Europa e nos Estados Unidos. Interessa-lhe muito mais, ou parece interessá-lo, o estudo de árabe ou de hebreu. Afagua-se, por vezes, um pequeno burguês intrado ou um pequeno negociante, vagamente sentimental, da "City", em férias mais prolongadas pelos museus ou pelas ruínas históricas do Continente. Devora livros, sacia a curiosidade do espírito por todo a parte, e não consegue, como produção intelectual, ir além de alguns mediocres sonetos e de algumas páginas em prosa, ainda mais medíocres. As suas próprias cartas, escritas sem gosto literário, não revelam nenhuma espontaneidade de idéias ou de sentimento, nenhuma forte reação emocional ante as coisas que mais admira. A gente de sua família, esposa, filhas, genros ou netos, era incapaz de suprir-lhe as falhas, criando, por próprio conta, um ambiente de vivas simpatias públicas ou de irradiação pessoal. Típica família burguesa, onde não se eleva ao primeiro plano nenhuma figura. Tudo, puis, indica ao próprio Pedro II que o Império acabaria com ele. A nação não tolerava sequer a idéia da chefia do Estado em mãos de uma princesa, piedosa e digna, mas casada com um príncipe estrangeiro, profundamente antipático, embora, muitas vezes, com injustiça, ao sentimento público...

(da "História da República")

MARIO DE ANDRADE



Mário de Andrade

No dia 15 de fevereiro último, o Brasil sofreu, em seu patrimônio espiritual, uma grande e profunda perda: a morte de Mário de Andrade.

O ilustre poeta paulista succumbiu a um ataque de angina do peito, e a sua morte representou a mais brutal das surpresas para os seus amigos.

Mário de Andrade tinha 52 anos, seis meses em 9 de outubro de 1939.

Sua vida foi toda dedicada ao estudo, à meditação e à pesquisa.

Pertencendo àquela melanquólica geração que alvoreceu para a vida do pensamento quando estava em pleno auge a primeira confederação mundial, deixou refletido em seu espírito as dores e as angústias daquele momento crucial do mundo.

Seu primeiro livro foi publicado em 1917 e trazia um expressivo título — "Há uma gata do sangue em cada poema", com depois outras coleções de versos — "Poética desvalada", "Lansango caqui", "Criança Jacob", "Renato Males".

Simultaneamente, ia publicando a sua obra de produtor — "A Escrava que não é Isaura" (coleção de estudos de crítica); "Amor, verbo intrasfuso"; "Macunaíma", "Travessões"; "Primeiro andar" e "Bela Arte" (coleção "Pequena história da Música", etc).

Era um dos valores representativos do movimento literário que se iniciou no Brasil depois da primeira Grande Guerra, movimento que tão importante é chamado "Modernismo". Faz parte da "Semana de Arte Moderna", ao lado de Graciliano, Ronald de Carvalho, Mário Bandeira, Menotti del Picchia e outros. Foi sempre considerável o prestígio entre os escritores que pertencem a esse grupo, e é o seu chamado o "Papa do Modernismo".

Neste aspecto, sua atuação tem que ser devidamente lida. Seu "Macunaíma" — romance, racconto — é que é chamado poema em prosa, e que é mestre de que um inventário fecundo de nosso folclore, na que o nosso folclore tem de mais substancial e de mais característico.

Este constante amor pelo folclore levou Mário de Andrade a se interessar por tudo o que concernesse ao espírito peculiar do Brasil. Em viagens às mais diferentes regiões brasileiras, recolheu uma contribuição preciosa e valiosa de documentos musicais e orais do folclore.

Durante algum tempo, esteve à frente do Departamento Municipal de Cultura, de São Paulo. Alla sua atuação foi ampla e proveitosa. Clicou a nova Biblioteca e a Diretoria do Estado, organizou o 1º Congresso da Língua Nacional Canuda e fez promover, a preços acessíveis aos estudantes e aos operários, explêndidos recitais e concertos nos grandes teatros de São Paulo.

Foi ao deixar este cargo que Mário de Andrade veio residir no Rio, convidado para o cargo de professor da Faculdade de Filosofia, na cadeira de Estatística. Enquanto exercia o magistério, colaborava, como crítico literário, no "Diário de Notícias". Cantava-se, porém, do Rio. E, saudoso da sua Paulicéia, para lá regressou.

Em 1939, ao completar o es-

(Continua na pág. 88)

UM "PALACIO DAS BELAS ARTES" - Raul de São Vitor

O grande sucesso que vem Guignard alcançando, com a apresentação dos seus alunos mineiros ao povo carioca, na exposição aberta no Instituto dos Arquitetos do Brasil, nos enche de satisfação e nos fortalece na campanha que iniciamos com o fim de atrair a atenção dos que lidam com o poder público no nosso país, para que concedam aos artistas modernos um Museu, que lhes recolha as obras de mérito e que lhes proporcione os meios de cultura de que tanto carecem.

O prefeito de Belo Horizonte que entregou a direção do Instituto de Artes ao consagrado pintor modernista, tornou uma realidade o sonho de termos uma instituição amparada oficialmente e destinada ao desenvolvimento da arte moderna no Brasil. Muito rapidamente pôde ele colher os frutos do seu idealismo, pois é comovedor verificar o progresso que em um ano Guignard conseguiu dos seus alunos. Mostram-nos eles,

através dos seus originais trabalhos, como a viaram. Poetas ou reais é múltipla na sua manifestação e como o talento, quando livre e bem orientado nas suas características, fulge desde os primeiros tratos, desde as mais simples experiências. E assim que, para o encantamento do nosso espírito, contemplamos a variedade das emoções que animaram os gratulando-nos com o executarem de maneira tão pessoal os lindos

desenhos que nos ensinaram. Poetas ou reais é múltipla na sua manifestação e como o talento, quando livre e bem orientado nas suas características, fulge desde os primeiros tratos, desde as mais simples experiências. E assim que, para o encantamento do nosso espírito, contemplamos a variedade das emoções que animaram os gratulando-nos com o executarem de maneira tão pessoal os lindos

dam a braços quantos trabalham em prol das nossas Belas Artes.

Há pouco tivemos notícia da injustificável situação dos portões do nosso Museu, que se encontram abarrotados de obras preciosas, destinadas à lenta destruição. Fica assim focalizada a necessidade de termos não só um Museu de Arte Moderna, mas um Palácio de Belas Artes, neste Brasil em que os palácios surgem cada dia mais magníficos, com todas as finalidades, desde o abrigo da gigantesca burocracia, até à ostentação de condenáveis vaidades, para exibição de fortunas que não possuímos. Nada mais natural, portanto, mais simples e mais justo, do que acalentarmos a esperança de que também nos surja, para a proteção e enriquecimento do nosso patrimônio de arte, o sonhado Palácio das Belas Artes, destinado a conciliar todos os interesses e a nos dar o perfeito Museu que o povo brasileiro, culto e artista, tanto merece possuir.



"Paisagem" — Desenho de um dos alunos mineiros de Guignard. Figuras entre os trabalhos expostos no Salão dos Arquitetos.

A MORTE DE LUIZ MARIANO DE OLIVEIRA - MUCIO LEÃO

Meu amigo Luiz Mariano de Oliveira morreu há dois dias, vitimado por uma súbita cardíaca, que o surpreendeu no curso de uma plenária. Tinha 75 anos de idade, e era ainda um rijo e destemido nadador das praias de Niterói. A última vez em que o vi — não faz ainda um mês — ele me levava, à Academia, algumas peças, algumas sonatas de sua lava, que eu havia lhe enviado. Insistente, pedindo para publicar. Levou-me também uma fotografia sua, pelo a publicização dos seus versos eu desejava fazer acompanhar da publicação de um seu retrato. Como não sabia que fotografia havia de escolher, levei-me duas: uma, uma fotografia comum; e ele em traje civil, na expectativa, talvez, de uma cartela de eleitor; a outra, uma fotografia graciosa e rara: ele vestido de uma Linda roupa de banho de mar, uma roupa de esplêndidas listras vermelhas e verdes!

— Que é isso? — perguntei com certo atordoado, olhando a segunda fotografia.

E Luiz me explicou:

— É um retrato meu tirado há poucos dias, num banho de mar em Icarai.

Confesso que senti certo espanto e talvez certa inveja, também — ao contemplar o retrato daquele velho que ia beirando os 80 anos e que ainda posava, como se fosse um rapaz, vestido de uma roupa de banho de mar. E diante do meu espanto, Luiz sorriu e exclamou:

— Pois fique sabendo, meu caro, que é coisa que eu não despenso — o meu banhozinho da

madrugada lá estou em Icarai. E quer saber de outra coisa? — conservo hoje o mesmo folgo das vinte anos. E posso ficar boiando horas e horas... Foi essa o heróico e simpático amigo que perdi na manhã do anteontem.

Mas os senhores precisam saber que Luiz Mariano de Oliveira não era apenas um bom nadador das praias de Niterói. Não, senhores! Ele era também um homem de apurado gosto literário, um amigo da poesia, um estudioso, um poeta.

Expliquei-lhe, em primeiro lugar, que Luiz Mariano de Oliveira pertencia a uma estranha família de poetas. Era filho de José Mariano de Oliveira e de D. Ana Ribeiro de Mendonça, casados em 1848, e se casaram no ano remoto de 1848. E se multiplicaram craio que em 17 filhos. Desses, quase todos vieram a ser poetas — ou, pelos menos, quase todos, firmaram versos. Um deles atingiu à glória suprema, e foi considerado um dos maiores poetas brasileiros de todos os tempos. É o Alberto, o nosso grande Alberto de Oliveira.

Tão fulgido se tornou o nome de Alberto que os outros irmãos, temendo talvez a inferioridade do confronto, desistiram de publicar seus versos.

Luiz, por exemplo, passou a vida fazendo castigados sonetos parnasianos, e tanta era a sua mesmice no gênero que Alberto submeteu à crítica

desse irmão zelante e vigilante. Amava os decassilabos bem sonoros, os alexandrinos bem ressonantes. E seus irmãos sabiam que o seu maior sonho seria o de poder um dia publicar uma coleçãozinha de seus trabalhos selecionados... Nunca chegou a fazê-la, contudo.

De seu estojo há muitas páginas que podem ser citadas. Esta, por exemplo, que mais parece uma antologia à margem do "Intermezzo" de Heine:

CONTRASTE

Divid, ao teu-me entrar — Jesus! (Como vira feio! Quer tristoso vendar-te...) E tu, nôrdido olhar! Tudo nôz mudou, modifica-se, leu creio, Mentes a porção, que o mundo ia pulsar! Eu, chegando, direi — Olá! Bem! (Como anda bela! Conserva o mesmo grata, o mesmo perfeição, O mesmo rosto de anjo, o mesmo folhar de estrela...) Se não guarda consigo o mesmo leitora...



Luis Mariano de Oliveira, visto desenho de Armando Parreco

Esse rijo nadador das praias de Icarai, esse poeta, que, sendo tão negro, foi, tão modesto, esse cavaleiro gentil, sempre pensando num galanteio sem malícia para o dizer a uma dama — foi, sobretudo, um homem de bondade imensa. Isso e sabiam todos os seus amigos, e esse aspecto de sua figura



No Embaixada do Brasil em Lisboa. O embaixador José Mariano e o secretário da Embaixada, nesse quarto convívio entre os dois.

A MORTE DE LUIZ MARIANO DE OLIVEIRA

Continuação da pág. anterior
esta era o que mal o impunha no mundo seco de sua família.

Sózinho por Alberto, quem é grande poeta, nos últimos tempos, estava sofrendo e desconsolado, como que procurando a

morte da turma, foi convidado.

Quando Luiz percebeu que o mundo se achava condenado, ficou em o pior para a sua casa de Niterói. Era uma pequena casa desaparecida, que não havia. Mas lá se achou arranjá-la de

mancaria, que cada dia se faltava de poesia.

Alberto soube recolocar a banalidade com que era necessária e tratada, e poucos dias antes de morrer, em um dos últimos momentos de lucidez que teve, chamou Luiz de volta ao seu leito. Trazeu com a si a lírica a mais rica de leitura, alguma com humor, e depois disse estas palavras:

— Luiz, ame e tenha o que

Quatro poemas de Maria das Dores Pereira da Silva

IMPOSSIVEL!

TRISTE-ME... Depois, arrependido, voltaste.
Acercais os teus cedros,
Engajais, carinhados, os
meus bigodes; mas le dizem:
de men...

As portas da tua curacha
não estão abertas para
rever-te... Muito salido
entra de tua esquadria...

ESPERA INUTIL

ONTEM, os magníficos se
alegravam na penitência
tranquila do jardim...
Tudo o qualmente olhava que
se apavorava, e sente-se os
baixos, e te esperar, nenhuma...

E a tua paixão, alegrando e
luzendo sobre cada vaga inútil
enredo...

Todas essas, nem podem devolver

CANÇAO

QUANDO tu ado'ste, tu
murchaste, ceste a enfer-
mice da Cadeira Vazia,
e o canário da tristeza acon-
teceu em surdade...

E a tua crina é tanto sot-
eria a crônica solitária... A en-
fermeira, varia do tea verde, e a
migração cruel de tan sotade-

do...

Há em todo o teu viver es-
trelado ruídos...

PASSAROS SEM LARAO

MINHAS rudas aves da
mão, evam dizer ade-
us, reficas em grotas
de arquitetura...

...migrações, migrações, migra-

CRAWFORD WILLIAMSON LONG

(continuação da pág. pass.)
pesquisas práticas e teóricas
e sobre a cura da

A Medicina portuguesa que
na minha residência em Lisboa
me tinha resolvida uns dos
angustiosos problemas com
que, desde séculos, vinha se
defrontando a Ciência. Mas
se solutionaram algumas utage-
rias, suscitaram outras, con-
correndo de novo a intraduzi-
ção para o progresso da mi-
diologia.

As suas consequências mo-
dificavam eram patentes:

1º — O anestesiologista
que até então representava
uma barra entre o docente que
se debatia e os auxiliares que
o prostravam contra — obte-
gando o cirurgião a precipi-
tar-se, afim de tornar o mais
breve possível o sofrimento
que era obrigado a provocar —
tornou-se um processo tran-
quilo e humano.

Observou a cirurgia de pre-
paração. Era a salvadora da
cirurgia científica.

2º — Ela aplaudiu o terri-
no para o advento da anestesi-
ca. Assim disse o prelado
Sir Clifford Allbut:

"With anaesthesia ended
sleptless surgery, anaesthesia
gave time for the theories of
Poupart and Liston to be
(Continua na pág. 14)

adquirir o prestígio".

3º — Os anestesiões tiveram a
carga dos golpes, inumâni-
mos, e anestesia proporcionou
uma oportunidade para que
as teorias de Pasteur e Lister
fossem adoradas na clínica.

4º — O dorofobia, mui-
tradicado por Simpson, favore-
ceu ao obstar com as mes-
mas condutas propícias.

5º — A cura da encopresia
e da hidrocefalia, foram expe-
rienciadas.

6º — A medicina experimental adquiriu um elemen-
to valioso para as suas pes-
quisas em mesmo tempo que
obtinha um argumento per-
suasivo contra os histerismos dos antivivisectionistas.

Hoje a Anestesiologia é um

ramo autônomo da ciência.

Os processos de anestesia se

multiplicaram e aperfeiçoaram

de modo maravilhoso.

Assim, a Cirurgia auxiliada
pela anestesia e, a princípio
pela antisepsia e, depois
pela asepsia, não encontrou

mais barreiras à sua ação benéfica.

Ela que, a princípio,

procurava evitar a dor da

operação, hoje, via adiante

procurando operar a própria

dor. O grande mestre Salas

Weis Mitchell, de Filadélfia,

também prescrevia, com a alme-

da (Continua na pág. 14)

DOIS POEMAS DE MENOTTI DEL PICCHIA

Sobre o túmulo do último homem

Aqui há terra, terra, só terra,
cálculo, bárão, ferro, fósforo, magnésio,
material suficiente
para renovar no mundo
a angústia e a esperança.

Misterio da Encarnação

No leito em que me debruço
sobre tuo corpo — ó amado! —
ronda uma vida invisível
que quer viver à luz clara
Nem sequer é pensamento
— potência de ser, mais nada —
uma forma ainda em futuro,
um destino sem morada.

Nosso desejo a desperta
do bojo escuro do nada.

É todo um esquema de vida
misteriosa e embrionária,
algo sem corpo e sem alma
mas que é já vida esperada.

Esse espetro de destino
— rei, bandido, artista, louco?
vida heroica ou fracassada —
cerca o leito em que me curvo
sobre tuo corpo, ó amado!

E assim ronda o amor dos homens
(prazer da carne, mais nada).

... quando em que agora tornaram a a pensar poesia, e a ver poesia, e
se pintar — Alberto, Luiz, o que
é que Bernardo, José Mariano, Cândido, Saturnino, todos eles, — tal
dia existiu um dia, na terra, no
céu, no mar, tão tanto? — continuam
ruído de cada um deles?

GALERIA DE ARTE



Henrique Camargo "Auto-retrato"

A DATA DE RUI BARBOSA

O dia-feira última, 1 de dezembro, transcorreu o vinte e quarto aniversário da morte de Rui Barbosa.

Tendo vivido pouco mais de setenta anos, Rui foi, no Brasil, em todos os passos de sua vida e em todos os aspectos de sua personalidade, um símbolo.

Jornalista e jurista, advogado e escritor, gramático e homem de governo, socialista e orador, político e financeiro — em tudo isso foi grande, e seria impossível dizer em quais desses aspectos terá sido maior.

Com tudo isso, o traço de Rui Barbosa que mais forte

gimção do nosso povo para ser sido o seu sincero amor da liberdade — aquele desmedido amor, que sem dúvida nenhuma o norteou. Esse amor da liberdade levou-o a dar o primeiro brado que o mundo ouviu em favor de Dreyfus, perseguido pelo torvo preconceito anti-semitico dos juízes franceses. Levou-o à atitude histórica incomparável da Conferência de Haia. E o levo, de 1914 a 1917, a realizar a sua memorável campanha contra os propósitos guerreiros de Guilherme II.

Figura sob todos os pontos de vista impar — o grande Rui Barbosa bem merece esse culto cada vez mais vibrante e profundo que os brasileiros lhe dedicam.

Evocando, hoje, a sua grande figura, queremos trazer a publicar o seu "Credo de Político", página de tão alto fulgor de estilo e de tanto elevadíssima ideia:

MARIO DE ANDRADE

(Continuação da pág. 77)

Por enunciada ação de ideias intelectuais claras, e, de forma geral, os intelectuais de todo o Brasil, declararam grandes homenagens.

Mario de Andrade pertenceu à Academia Paulista de Letras, e estava agora publicando em uma série de vinte volumes, os seus "Obras completas".

ADVERTÊNCIA

(Continuação da pág. 65)

Censo de comprovação dos argumentos de que se serviu. E com o título "Fatos da Linguagem" saiu o livro.

Fevereiro de 1941.

CREDO DE RUI BARBOSA

Creio na liberdade onipotente, criadora das nações robustas; creio na lei, emanada do seu orgão capital, a primeira das suas necessidades; creio que, neste regime, não há outros poderes soberanos, e o soberano é o Direito, interpretado pelos tribunais; creio que a própria soberania popular necessita de limites, e que estes limites vêm a ser as suas Constituições, por elas mesmas criadas, nas suas horas de inspiração jurídica, em garantia contra os seus impulsos de paixão desordenada; creio que a República decai, porque se deixou estagnar, confiando-se no regime da força; creio que a federação perseverá, se continuar a não saber acatar e elevar a justiça; porque da justiça nasce a confiança, da confiança a tranquilidade da tranquilidade o trabalho, do trabalho a produção, da produção o crédito, do crédito, a opulência, da opulência a respeitabilidade, a dureza, o vigor; creio no governo do povo pelo povo; creio, porém, que o governo do povo pelo povo tem a base da sua legitimidade na cultura da inteligência nacional pelo desenvolvimento nacional do ensino, para o qual as maiores liberalidades do Tesouro constituiram sempre o mais reproduzido empréstimo da riqueza pública; creio na tribuna sem férias e na imprensa sem restrições, porque creio no poder da razão e da verdade; creio na moderação e na tolerância, no progresso e na tradição, no respeito e na disciplina, na impotência fatal dos incompetentes e no valor insuperável das capacidades.

tributo: abomino as ditaduras de todo o gênero, militares ou científicas, coroadas ou populares; detesto os estados de sitio, as suspensões de garantias, as razões de Estado, as leis de salvação pública; odeio as combinações hipócritas do absolutismo dissimulado sob as formas democráticas e republicanas; oponho-me aos governos de seita, aos governos de facção, aos governos de ignorância; e quando estes se traduzem pela abolição geral das grandes instituições docentes, isto é, pela hostilidade radical à inteligência do país nos focos mais altos da sua cultura, à estúpida selvageria dessa fórmula administrativa, impressiona-me como o bramir de um oceano de barbarie ameaçando as fronteiras de nossa nacionalidade.

Crawford Williamson

Long

(Conclusão da pág. 79) de poeta que tinha, que a anestesia havia de trazer a "Death of Pain". (A morte da Dor). *

Ao contemplar a mesma variedade de benefícios que a anestesia tem prodigizado à Humanidade, reverenciamos a memória de Long, a memória de Morton, a memória dos grandes médicos do "Massachusetts General Hospital". São nomes são símbolos que representam uma das maiores conquistas realizadas no domínio da luta contra o sofrimento pela Medicina dos Estados Unidos da América do Norte.

"All is but a symbol..." (Longfellow)

(Do livro a sair "On the Herd da Medicina Norte-Americana)



Rui Barbosa, desenho de Armando Pacheco

A VIDA DOS LIVROS

GARNEIRO GIFFONI — *Estética e Cultura* (Ensaio) — 165 páginas — Letras Editora Continental Ltda. — São Paulo.

KARL MAY — *A Caravana de Escravos* — Tradução de Beatriz Bandeira — 388 páginas — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre.

MARCUS SANDOVAL — *Água da Fonte* (Poesias escolhidas) — 96 páginas — Gráfica Nacional Ltda. — Rio de Janeiro — 1944.

CARLOS DRUMOND DE ANDRADE — *Confissões de Mineiro* — 274 páginas — Ameri-Edit. — Rio.

Collecção "Grandes Poetas do Brasil" — *Poemas completas de Jangadeiro Freire* — I — Inspirações do Claustrão — Edição rigorosamente revisada, com um estudo de Roberto Alvim Corrêa — 222 páginas — Livraria Editora Zélio Valverde — Rio — 1944.

Collecção "Grandes Poetas do Brasil" — *Poemas completas de Jangadeiro Freire* — II — Contradições poéticas e Poesias esparsas e inéditas — 183 Páginas — Livraria Editora Zélio Valverde — Rio — 1944.

MARCELO GAMA — *Lia Soárez e outros poemas* — 152 páginas — Edição da Sociedade Felipe d'Oliveira — Rio — 1944.

CORONEL ARTURO BRAY — *La España del Brasil en Alto* — 210 páginas — Editorial Ayacucho — Buenos Aires.

THEODORE ROOSEVELT — *Nas seteas do Brasil* (Tradução de Luis Guimarães

Junior) — Ilustrado com fotografias tiradas por Kermit Roosevelt e outros membros da expedição — 328 páginas — Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura — 1943 — Rio — Imprensa Nacional.

MARIA EUGENIA CELESO — *O Solar Perdido* — 139 páginas — Livraria Editora Zélio Valverde — Rio — 1945.

ASTROJILDO PEREIRA — *Interpretações* — 301 páginas — Liv. Editora da Casa do Estudante do Brasil — Rio — 1944.

DANTAS MOTTA — *Planicie dos mortos* (poesias) — Editora Flama Limitada — São Paulo — 1945.

M. FRANCIS TOYE — *"La Base Latine de la Literatura Anglaise"* — (Une conférence à l'Académie Brasileira de Letras le 24 Junh 1942, sous les auspices du P.E.N. Club do Brasil par) — 32 páginas — Publication of the Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa — Rio — 1943.

REVISTA DAS ACADEMIAS DE LETRAS — Órgão da Federação das Academias de Letras do Brasil — n. 54 — Novembro — Dezembro de 1944 — 144 páginas — Composto e impresso na Gráfica Santo Antônio — Rio.

OSORIO LOPES — *Quando Israel encontra* — 27 páginas — Rio — 1944.

NELSON HUNGRIA — *Cultura, Religião e Direito* — Conferência realizada na Faculdade Católica de Direito, no dia 29 de Agosto de 1943 — Rio — 1943.

ECA DE QUITÉRIAS — *Homenagem ao Dr. Luiz Gonzaga* — Rio — 1945.

Serial XIV — Antologia organizada e prefaciada por Vianinha Moog — 309 páginas — Coleção Clássicos e Contemporâneos, dirigida por Jaime Cortezão — Dois Mundos Editora — Rio — 1944.

MADELEINE GEN LE VERRIER — *Rue e Revista na França* — 263 páginas — Tradução de Nidia da Saudade Cortezão — Coleção Documentos para a História da Guerra — Edições dois Mundos — Rio — s.d. (1945).

JAMIL ALMANSUR HADDAD — *História Poética do Brasil* — (Seleção e introdução de — História do Brasil narrada pelos poetas — Linóleos de Lívio Abramo, Manuel Martins e Claudio Abramo — 442 páginas — Editorial Letras Brasileiras Ltda. — São Paulo.

J. F. DE BARROS PIMENTEL (Ensaísta) — DUMBARTON OAKS — (Carta das Nações Unidas) — Ensaios — 29 páginas — Dezembro — 1944 — "Jornal do Comércio" — Rodrigues & Cia. — Rio.

JOÃO DAUT D'OLIVEIRA — A Conferência de Rye e o Momento Econômico Brasileiro (Discurso ao reassumir a Presidência da Associação Comercial do Rio de Janeiro em 10 de Janeiro de 1945 — 32 páginas — Rio — 1945.

RAMIRO BERBERT DE CASTRO — *Habla Branca* (ensaio) — 369 páginas — Tip. Batista de Souza — Rio de Janeiro — 1945.